



# Airiel

*e o boneco de barro*



Projeto  
**Passo Fundo**  
Apoio à cultura

João Antonio Leiria

Ao abrir a porta de sua casa naquela manhã, dona Maria Medeiros nem fazia ideia da grande surpresa que teria, pois ela encontraria algo que iria mudar a sua vida para sempre. Dentro de uma estranha cestinha, que mais parecia uma capsula, ela vê um pequenino Bebê que, pelo que tudo indica, estava ali desde a madrugada.

# Ariel e o Boneco de Barro





João A. Leiria

**Airiel e o Boneco de Barro**

Passo Fundo  
Projeto Passo Fundo  
2016

Projeto Passo Fundo

Página na internet: [www.projetopassofundo.com.br](http://www.projetopassofundo.com.br)

E-mail para contato: [projetopassofundo@gmail.com](mailto:projetopassofundo@gmail.com)

Disponível no formato eletrônico /Ebook

Todos os direitos reservados ao Autor.

O conteúdo deste sítio NÃO pode ser reproduzido, copiado, gravado, transcrito ou transmitido por meios mecânicos, fotográficos ou eletrônicos, sem a autorização do Autor.

Revisado pelo autor em: 04/11/2016

L531a Leiria, João Antônio

Ariel e o boneco de barro [recurso eletrônico] /  
João A. Leiria. – Passo Fundo : Projeto Passo Fundo,  
2016.

625 Kb ; PDF.

ISBN 978-85-8326-237-4

Modo de acesso: World Wide Web:  
<<http://www.projetopassofundo.com.br>>.

1. Literatura brasileira. 2. Romance. I. Título.

CDU: 869.0(81)-31

Bibliotecária responsável Schirlei T. da Silva Vaz - CRB 10/1364

## Sumário

Prefácio	7
Café, Paixão e Inspiração.	9
Luzes Sobre a Cidade.	15
Coisas de Outro Mundo?	17
O Arrebatamento?	20
De Volta Para o Presente.	27
Uma Vida Por Outra.	31
Deus! Cadê Você?!	35
Brigando Com Deus.	38
Um Boneco de Barro.	43
O Convite	50
É Natal! Qual Presente Você Quer?	54
De Onde Vem o Milagre?	58
A visão.	65
Ela A Bela, Eu A Fera.	70
O Céu, As Estrelas! E Doze Horas de Amor.	76
A Grande Surpresa.	83
O Mistério do Medalhão.	88
Segredos de outro mundo?	93





## Prefácio

Escrever “Airiél e o Boneco de Barro” foi um grande desafio para mim – levei mais de dois anos criando essa obra. É claro que parei, e escrevi outras literaturas enquanto essa esperava por inspiração. Não apenas por inspiração, pois nunca deixei de ser um escritor consciente. Essa obra exigiu muito mais de mim: além de inspiração, diferentes pesquisas e estudos. E é isso que nos faz crescer como escritor, não só por nós, mas principalmente pelos leitores.

Eu tenho certeza que esse livro irá lhe surpreender com seus mistérios, romances, crenças e fé.

Um grande amor nunca se esquece! Mas nos acompanha por toda a vida.

Até onde o apego aos bens materiais pode levar uma pessoa?

Entre o dinheiro e a fé, pelo qual se decidir?

Milagres, eles realmente existem? Ou, é só balela de alguns espertalhões querendo tirar proveito dos incautos?

Depois de ler esse livro, sua opinião poderá mudar sobre o valor entre o dinheiro e a fé.

Este livro poderá ser apenas uma ficção. Ou então, o testemunho de vida de alguém! Isso eu quero deixar por hora.... Até que você o leia e tenha sua própria opinião.

Grato por sua atenção e uma ótima leitura.



## Capítulo I

### Café, Paixão e Inspiração.

#### I

Ao abrir a porta de sua casa naquela manhã, dona Maria Medeiros nem fazia ideia da grande surpresa que teria, pois ela encontraria algo que mudaria a sua vida para sempre. Dentro de uma estranha cestinha, ela vê um pequenino Bebê que, pelo que tudo indica, estava ali desde a madrugada.

No pulso do pequeno havia um bracelete com apenas uma inscrição “Airiel”, a qual ela acreditou se tratar do nome do bebê. Imediatamente aquela boa senhora o leva para dentro de casa e, depois de aquecê-lo, providencia alimento para o lindo bebê, que estava faminto.

Como vivia sozinha, dona Maria não tinha dúvidas: aquele menino era um presente de Deus para alegrar a sua vida solitária.

Mulher muito religiosa e admirada por todos que a conheciam por fazer caridades com frequência, ela logo vai as autoridades e declara o ocorrido.

Depois das autoridades procurar e não encontrar nem sinal dos responsáveis pelo bebê, então Airiel é entregue à mulher que o encontrou.

Ela com certeza passará a criá-lo como filho, dando-lhe amor e carinho de mãe. E assim aconteceu até o dia de sua morte.

Desde então o jovem Airiel passa a viver só, e a cuidar da própria vida.

## II

Naquela fria tarde de agosto, eu acabara de chegar a minha casa por volta das 17 h. e 30 min. mais ou menos. Eu morava em um dos bairros mais distantes do centro da cidade de Passo Fundo, no estado do Rio Grande do Sul, Brasil. Algumas pessoas não gostavam muito do meu bairro, outras o achavam violento e perigoso. Eu, porém, gostava de morar ali. Como todos os lugares, tinha seus problemas, mas, também tinha seus valores. E, bem ou mal, era ali que eu morava – eu sou do tipo que não costumo cuspir no prato em que como.

Depois de morar a duas ou três quadras do centro da cidade, digamos que fui convidado, pelas circunstâncias, a morar um pouco mais distante. Mas tudo bem! Eu aprendi com um amigo chamado Paulo que disse: “Eu sei viver na bonança! Mas também aprendi a viver na humildade. Portanto, em qualquer lugar estarei bem, se Deus estiver comigo”. É mais ou menos isso!

Como dizia, eu acabara de chegar a minha casa. Então preparei um delicioso café para me aquecer um pouco, pois era uma tarde gelada do mês de Agosto, uma quinta-feira, e também porque eu adoro um bom café. Eu me encontrava só, já que minha amada companheira, a Elizabeth, que vocês verão aqui, que eu costumo chamá-la de Lady (minha Lady), ela ainda não havia chegado do seu trabalho. Elizabeth é uma mulher maravilhosa, uma valorosa guerreira, e que sempre está ao meu lado, apoiando-me com aquelas minhas loucas ideias de me tornar um escritor.

Nunca almejei ser famoso com meus escritos. Mas não nego que desejava, como qualquer humano, ser reconhecido, e se um dia, o criador permitisse, até fazer um modesto sucesso! Quem sabe? Eu sempre tive consciência de que isso não seria nada fácil, com tantos grandes escritores que existem por aí. Por isso nunca sonhei demasiadamente com o sucesso, preferindo manter meus pés no chão, mas não me privando de sonhar e claro. Ainda mais porque eu sou um poeta, um poeta sonhador. E

a própria vida havia se encarregado de fazer de mim um homem, não digo durão, mas, preparado para quase tudo nesse mundo. Até mesmo quando via meus escritos, minhas ideias ser desprezadas por alguns, geralmente por alguém que se achava ser melhor do que o resto do mundo. Mas eles não poderiam roubar meus sonhos, no máximo atrasar-me um pouco. Isso de alguma forma sempre nos incomoda, mas também nos fortalece, e nos dá mais vontade de lutar e mostrar o nosso valor. Encontrei alguns fanfarrões desse tipo no meu caminho, pessoas muitas vezes até letradas, mas, sem nenhum talento, gente daquele tipo que está sempre pronta a prejudicar a seus semelhantes, principalmente, quando se trata de alguém simples e humilde.

Eu ainda estava em busca de uma boa história para pôr no papel e contar aos meus leitores. Já tinha publicado uns três ou quatro livros, mas aquele tão sonhado ainda não havia surgido. Então, naquele dia, depois de muito andar pela cidade, sentei-me no banco daquela belíssima praça, de nome: “Praça Marechal Floriano”, localizada em frente a uma belíssima catedral. De onde muitas pessoas entravam e saíam a todo momento.

Eu fiquei ali por muito tempo observando o vai e vem daquelas pessoas, na agitação do dia a dia, elas corriam atrás de seus projetos e seus sonhos. Toda aquela gente, grandes e pequenos, cada uma com sua peculiaridade. Elas me falavam muito, mesmo sem proferir uma única palavra!

Pensamentos e ideias fluíam em minha mente. Mas nada se formava: eram apenas rabiscos e borrões na velha agenda. Saí dali, peguei meu velho carro, e dirigi para casa com aquela expectativa de que em algum momento teria aquela grande ideia que ia me fazer conhecido como escritor. Foi então que, depois chegar e preparar aquele delicioso café que lhes falei, eu subi até sacada de casa onde fiquei saboreando calmamente aquela delícia. De onde eu estava podia observar os grandes prédios do centro da cidade. Fiquei ali por algum tempo, e as horas passaram. Eu estava realmente tão envolvido em meus pensamentos que nem percebi que a noite já havia chegado.

Foi quando ouvi a voz de elizabeth que chamava por mim: – Airiel!...Cadê você meu amor? Hum! Nem precisa responder! “Eu já sei onde lhe encontrar” – disse ela, pois conhecia meus lugares preferidos da casa, especialmente quando eu estava em busca de inspiração para escrever.

Ouvi seus passos na escada, senti sua presença, seu perfume, seu cheiro... — Hum! Eu adoro seu cheiro. Ela se aproxima pelas minhas costas e abraça-me: deslizando a sua mão por dentro da camisa até meu peito acariciando-me. Ela adora fazer isso.

— Viajando como sempre meu amor? Em busca de grandes ideias para seu novo livro é?

— Pois é querida! – Respondo eu, enquanto me viro para beijá-las. Depois daquele beijo gostoso com sabor de café, eu abaixei-me até a altura de sua barriguinha para beijar Ester, minha linda estrelinha.

— Olha só! Os olhos dela brilhando aí dentro de sua barriga!

— Há! Seu bobo! Como é que você vai poder ver os olhos dela brilhar? Você é bem maluquinho meu amor.

— Sim eu sei que sou meio doido mesmo! Mas, você sabe que eu posso ver que eles estão brilhando, brilhando como duas lindas estrelinhas. E tem mais, eles serão verdes como os seus!

Elizabeth está grávida de 24 semanas. Depois disso, ela convida-me para descer, pois à noite está cada vez mais fria.

Eu concordei em descer com ela. Mas alguma coisa me dizia para esperar um pouco mais, e observar a cidade, pois algo de interessante ainda poderia acontecer naquela noite. Pedi a Lady que fosse descendo, pois logo eu desceria! Só precisava olhar mais um pouquinho àquela bela paisagem noturna da minha cidade iluminada.

Fiquei admirando as luzes da cidade e pensando no que poderia acontecer naquela noite tão fria de inverno que pudesse

me dar um bom livro. Ou pelo menos um bom começo para uma grande aventura. Mas estava tudo muito calmo! Nada que pudesse me inspirar. “É, eu acho que hoje não acontece mais nada de inspirador nesta cidade!” – Pensei. “É melhor descer e dar um carinho gostoso para a minha amada, já que a noite está apropriada para um bom chamego”.

Não dei dois passos em direção à porta quando observei um grande clarão que, como um raio de luz, cortava as poucas nuvens do céu sobre a cidade. Olhei atentamente tentando identificar, o que seriam aquelas luzes? Ou, de onde elas viam, qual era a sua natureza? E naquele momento tive a certeza que estava dando início ao meu mais novo livro, e que seria conhecido por todos como “Luzes Sobre a cidade”. Logo pensei: tenho que ir até lá para ver o que estará acontecendo no centro da cidade.

As ideias começam a fluir como um vulcão em erupção. Enquanto eu descia para pegar um agasalho, as fantasias só cresciam em minha mente. Dei um beijo rápido em Lady, que estava tomando banho – hum! Cheirosa e provocante, quase me fez mudar de ideia! Mas que nada, o amor pode esperar! Ah! Dei também um beijão em nossa bebê, a Ester na barriga de lady.

Depois de dois anos tentando engravidar fomos abençoados por Deus, que nos deu a graça desse anjinho. Agora sim, podemos dizer que somos uma família. Estávamos felizes como nunca! Aguardando a chegada de nosso lindo Bebê.

— Agora preciso ir ver o que são aquelas luzes.... Eu preciso ir depressa! Algo me diz que tem coisas muito interessante acontecendo na cidade. Eu lhe ligo mais tarde meu amor – disse eu, saindo apressado.

Quando cheguei na BR.285. Meu velho carro, que apesar de bastante usado sempre andou bem, naquela noite parecia andar em câmera-lenta. Eu olhava em direção à cidade, mas nada podia ver do local em que me encontrava. Eu estava ansioso, precisava chegar lá o mais depressa possível. Esse carro não anda mais rápido! Até parece que está mais lento do que de

costume; anda carrinho! Anda, se você colaborar comigo agora, eu até te prometo um pouquinho a mais de gasolina quando eu conseguir com que uma grande editora se interesse por minhas histórias.



## Capítulo II

### Luzes Sobre a Cidade.

Mas que nada! Nem meu velho Logus acreditava em mim! Mas também não lhe tiro a razão, pois já foram tantas as promessas. Que só minha Lady mesmo para ainda me dar algum crédito.

Nunca imaginei que fosse tão difícil conseguir que uma boa editora se interessasse pelo trabalho de um pobre escritor desconhecido e sem muito sucesso como eu. Nem meu Logus velho acredita que um dia isso possa acontecer. E o pior é que, além de não acreditar, agora ele resolveu começar a cobrar as promessas feitas. Desculpem-me! Eu estou nervoso, e aí fico falando à toa. E nesse momento, além de Deus, só tenho meu carro para conversar. E como não devo usar o Santo nome do Senhor em vão, só resta o velho Logus mesmo. Mas ele está acostumado a ouvir meus planos e ideias malucas – pena que não responde. Mas, às vezes, acho que até ele se enche de mim! Aí começa a reclamar. Quem tem um carro velho sabe como é isso. Mas ele é quem me leva para onde eu preciso ir, e por isso tenho que ter uma certa paciência e carinho por ele.

Mas parece que hoje ele está ainda mais zangado comigo. Pois tenho a impressão que, daqui a pouco, ao olhar pelo retrovisor, eu verei um caracol se aproximar, e me ultrapassar em alta velocidade. E espera aí! Por falar em alta velocidade, me dei conta de uma coisa: de que não há outros veículos na rodovia – somente eu, apenas eu, acelerando o máximo, mas esse carro não responde! Bem, não tenho uma resposta para esse mistério no momento. Mas logo o teremos...é o que espero.

Mas, que nada, vamos em frente! Pois assim que eu chegue àquela elevação terei uma visão melhor da cidade, então posso ter uma ideia mais clara do que estará acontecendo por lá. E espero que seja algo interessante e valioso, valioso para minhas

escritas é claro! E quem sabe, se essa é aquela grande oportunidade que eu sempre esperei para escrever um bom livro. Muito bem, aqui estou eu, no topo dessa colina, agora espero descobrir do que se tratam as misteriosas luzes sobre a cidade.

A noite até que estava tranquila, apesar das luzes estranhas que observei antes de sair de casa. Foi então que repentinamente surgiu como que do nada um tufão de vento, não entendo muito de tempestades, mas acho que é do tipo ciclone. Ele vinha em minha direção, varrendo tudo pela frente. Mais do que depressa eu entrei no veículo, e senti o meu carro tremer como se fosse levantar voo. No momento mais forte do tufão, passava de tudo voando por mim: cachorros, placas de anúncios, galhos de árvores e até veículos mais leves do que o meu.

Ainda bem que esse é dos antigos! Do tempo do ferro e aço. Mas o forte vento o fazia arrastar os pneus listando o asfalto como uma freada em alta velocidade. “Se duvidar, daqui a pouco vai passar uma vaca voando, como naquele filme...” – pensei. Mas “nós resistimos também cantando”, como diria meu amigo, o escritor e historiador Paulo Monteiro.

Alguns instantes depois o vendaval foi se acalmando, e logo tudo voltou ao normal e após a tempestade, fez-se bonança, e a imaginação que se multiplicava. “E se fosse um ataque alienígena?” – Imaginei eu! Nem bem pensei nisso, surgem pessoas, muitas pessoas que corriam com expressão de pavor e medo. Elas olhavam para trás e chegavam a se atropelar entre si, tentando escapar de seus, supostos perseguidores.

Tratei de encostar o veículo para tirar do caminho daquele estouro humano. Eles passavam por mim com muita pressa! Algumas até atropelavam meu carro na tentativa de fugir, outras que caíam, mas arrastavam-se e logo que levantavam-se continuavam em sua fuga alucinada.

## Capítulo III

### Coisas de Outro Mundo?

Com o coração acelerado, eu aguardava! Na expectativa de ver o que poderia surgir em seguida para pôr todas aquelas pessoas em uma fuga desesperada daquela forma? Só poderias ser algo muito terrível e assombroso mesmo.

Então toda aquela agitação foi aos poucos se desfazendo, e a multidão, em fuga, diminuindo, até que restou pouco mais de meia dúzia de pessoas correndo e tentando escapar dos alienígenas. Alienígenas? ... Sim, isso mesmo! Tratava-se de um ataque alienígena.

Então eu pensei: logo devo encontrar alguma resistência por parte de alguns humanos valentes e corajosos! Pois pelo que conheço dos Terráqueos, não iriam se entregar assim sem lutar. Era só uma questão de se recobrar do susto, já que esses inimigos *são feios para mais de metro!* Mas, logo que recuperados da surpresa, os humanos por certo irão organizar um contra-ataque. É claro que eles não seriam páreos para os ETS com as suas superarmas de raio desintegrador.

Então logo avistei as suas naves cortando o céu da minha querida cidade. Havia uma nave mãe gigantesca que pairava no espaço e de lá comandava as naves de ataque. Existiam naves de vários tamanhos e modelos que, com seus raios, iam destruindo tudo pela frente: muros, casas, prédios, carros, e veículos dos exércitos da terra.

Eu tinha certeza: nós não seríamos páreos para suas potências estelares. Se continuasse naquele ritmo, em poucos minutos seríamos todos exterminados, varridos da face da terra, sem deixar rastro nem cheiro. Mas então, vejam só! Como algumas vezes, das coisas mais improváveis, encontramos a solução para grandes problemas.

Passava um caminhão do corpo de Bombeiros local que, sendo atacado pelos ETS e não tendo como se defender, passou a esguichar certo líquido do tanque em seus agressores, e deu certo!

Por incrível que pareça! Os inimigos começaram a se afastar, e os que insistiam no ataque eram destruídos na hora. Começavam a derreter, viravam melecas! Eca! E já eram! Então me aproximei dos soldados para ver que tipo de líquido eles estavam usando? Seria alguma arma secreta e superpoderosa. Que nada! Foi então que descobri que se tratava apenas da água de certo rio poluído, que estava sendo recuperado. Bom, então me tranquilizei, pelo menos no caso dos alienígenas. Pois água poluída é o que não ia nos faltar! (No caso de o ataque se prolongar por mais tempo).

Mas, diante da descoberta que poderíamos enfrentar os ETS com a nossa água, a batalha logo se tornou uma verdadeira brincadeira. Pois, logo adiante, encontrei meninos e meninas enfrentando os ETS com bexigas e pistolas d'água. Até as donas de casa lançavam sobre os inimigos baldes d'água dos prédios e sacadas.

Então não demorou muito para que os extraterrestres desistirem do ataque e fugissem com o rabo entre as pernas. Se é que tinham rabo né! Eu percebi que havia ETS de várias nacionalidades. O que quero dizer é que não eram todos do mesmo planeta. Alguns eram semelhantes a animais e insetos que existem aqui na terra. Outros com cara de cavalo. Ainda alguns, semelhantes a baratas. E havia também os que se parecem com humanos. - Hem? Humanos? Sim! Isso mesmo! Parecidos com alguns humanos, só que um pouquinho mais bonitos né. Devido a essa grande diversidade de ETS juntos, conclui que se tratava de uma frota rebelde.

Mas quando eu pensei que todos haviam desistido do ataque e fugido, surgiu um gigantesco ET com cara de cavalo diante do meu carro e, pegando o veículo pelo para-choque, começou a sacudir tentando tombar meu carro. Ora essa! Pensei:

“vou saltar e partir para cima agora mesmo. Afinal, não sou qualquer um! Eu sou Airiel! E conheço um pouquinho de Artes Marciais”. Saltei imediatamente do veículo, e quando fui para cima do ET, me dei conta de que se tratava apenas de um cavalo normal. Vindo não sei de onde, esfregava-se no veículo tentando coçar seu dorso... – pois é caro leitor, essa estória de ETS não ia dar em nada mesmo! Não, depois das superproduções de Hollywood. O que tenho que fazer é focar no meu objetivo. Ou seja, as estranhas luzes no centro da cidade.

## Capítulo IV.

### O Arrebatamento?

Dei partida no meu veículo e continuei andando, pois eu precisava chegar lá, onde o assunto importante para meu livro estaria acontecendo realmente, ou seja, no centro da cidade, pois foi lá que há poucos instantes eu tinha avistado aquelas luzes estranhas e misteriosas.

Rodei por mais ou menos uns quatro ou cinco quarteirões no máximo, quando vi pessoas que corriam desesperadas! Seriam novamente coisas da minha imaginação? Eu não estava doido! Ou estava?! Hun! Sei lá, mas eu vi o que vi.

Mas, desta vez, as pessoas não corriam como se estivessem fugindo de algum perigo. Não! Elas estavam em um desespero profundo. Saíam de algumas portas, e entravam em outras. Eu nunca tinha visto antes pessoa alguma com aquela expressão em seus olhares. Dava a impressão de que elas procuravam por alguém, ou por alguma coisa que havia sido tirada delas. Algumas dessas pessoas choravam muito pareciam ter certeza de que nunca mais iriam encontrar seu familiar, seu amigo, seu irmão.

Era muito triste ver toda aquela dor e angústia, pois algumas até arrancavam mechas de seus cabelos de tanto desespero. Outras, até batiam com suas cabeças no chão, nos muros e nas paredes dos prédios como se estivessem querendo acabar com as suas vidas.

Pensei: vou tentar encontrar onde estacionar, pois o movimento era muito grande nas ruas. Mas eu preciso descobrir o que está acontecendo agora. Foi quando um veículo em alta velocidade veio em minha direção. Eu meti o pé no freio e me segurei no volante, preparando-me para o impacto. Mas, antes que ele chegasse a mim, outro veículo o pegou em cheio. Então os dois carros rodopiaram invadindo a calçada e antes de parar, um

deles ainda choca-se contra um poste de energia. Saltei do meu carro e corri para tentar socorrer algum ferido. Mas o que vi me deixou perplexo! Pois em um dos veículos não havia ninguém. Teria a pessoa sido arremessada pelo impacto? Corri em seguida para o segundo veículo bastante danificado pelo acidente. Lá encontrei uma senhora de uns trinta e cinco anos de idade. Ela estava meio grogue e confusa. Mas logo voltou a si.

A mulher me parecia um tanto doida da cabeça, devia ser por causa da pancada sei lá. Pois falava coisas sem nexos, sem sentido. Então tratei de acalmá-la dizendo-lhe que logo chegaria o socorro. Mas então me dei conta que aquela senhora estava do lado do carona no veículo! Mas, e cadê o motorista? No primeiro não havia ninguém e, nesse, só o caroneiro! — Mas o que está acontecendo aqui? — Eu me perguntava.

Tive que perguntar a senhora:

— Senhora! ...Senhora! Olha para mim por favor! .... Cadê o motorista? Porventura foi arremessado do veículo?

— Meu Deus! Meu Deus! Está acontecendo! Você não está vendo moço? É o arre...deixa pra lá, você não ia acreditar se eu lhe dissesse!

— O que está acontecendo, minha senhora? Diga me por favor! .... Mas, antes que ela tivesse tempo de me responder, chegou um jovem dizendo ser filho dela, e que já havia providenciado socorro.

Então me afastei dali, pois precisava continuar em direção ao centro. Quando chegasse lá, por certo eu teria maiores esclarecimentos sobre toda essa loucura que está acontecendo. Ainda bem que eu não estava muito longe de onde queria chegar. Pois, àquelas alturas, nem um veículo conseguiria andar naquele trânsito. Eram muitos carros batidos, pessoas feridas. E o caos já havia se multiplicado por dez.

Mas eu ainda não tinha conseguido entender o que realmente estaria acontecendo. Muitas dessas pessoas que eu encontrava pelo caminho continuavam chorando e se lamentando.

Nada as consolava. O que eu podia entender era que elas haviam perdido tudo! Mas tudo o quê? Eu me pergunto. Então escuto um som de turbinas, quando olho para o alto vejo que se trata de um grande avião de passageiros. Mas ele está voando baixo demais, até parece que; o piloto sumiu! Ou, a aeronave está sem controle. Calculei que, naquela altura e direção que voava, logo se chocaria em um dos prédios da cidade.

Fiquei observando, sem querer acreditar no que eu iria testemunhar em seguida, mas antes que pudesse ver se ele realmente ia bater, ouvi um tremendo estrondo atrás de onde eu estava. Quando me virei para olhar, só consegui ver um grande clarão no céu e destroços caindo em chamas. Então compreendi que eram outros dois aviões que haviam se chocado em plenos ares. Voltei meu olhar em direção ao primeiro avião bem a tempo de vê-lo chocar-se em um dos prédios mais altos da cidade e tudo virar uma grande bola de fogo. E o prédio ruiu e veio ao chão. Aquilo foi à gota d'água! Não podia mais continuar daquele jeito! Eu precisava de informações, eu precisava descobrir o que realmente estava acontecendo. Continuei andando com dificuldade, pois nessa hora já eram multidões nas ruas. Comecei a observar que alguma daquelas pessoas estava agredindo e culpando a outras. Então avistei um pobre Sacerdote (Padre) sendo agredido por dez pessoas, ou mais. E que também o culpavam por alguma coisa. Diziam eles, que o Sacerdote sabia de tudo, e não as avisara! E que por isso haviam ficado aqui.

“Mas do que será que essa gente está falando?” – Eu me perguntava sem coragem de parar uma delas para tentar descobrir, pois estavam violentas e sem controle. Até mesmo alguns policiais que deveriam estar dando segurança e proteção, mas ao viés disso eles corriam feitos loucos pelas ruas a procura de familiares. “Será que é algum tipo de vírus? De qualquer forma, preciso pensar em me proteger, pois estou muito exposto e daqui a pouco pode sobrar pra mim” – pensei.

Fui me abrigando aqui e ali, dentro de prédios e casa abandonados. Acredito que era quase meia noite. Partes da



cidade estava completamente às escuras devido algumas explosões e acidentes. E as pessoas continuavam em alvoroço. Muitos acidentes de grandes proporções com centenas, ou milhares de feridos e mortos, como nunca visto antes.

As autoridades estavam tentando pôr um pouco de ordem. Mas, mesmo assim, tudo tinha virado um verdadeiro caos.

Eu já estava bem próximo da onde precisava chegar. E acabei de descobrir que as luzes que eu havia visto no céu são vindas de um parque da cidade, o chamado Parque da Gare. E devo estar a poucos quarteirões de lá. Acredito que, se eu conseguir chegar até o parque, vou descobrir as cousas de todo esse alvoroço.

Então me arrisquei e me expus um pouco mais, saindo de onde eu estava me abrigando enquanto tentava entender toda aquela loucura. Mas, meditando em tudo o que vinha acontecendo nas últimas horas, cenas que viam como flashes em minha mente. Então veio-me um medo profundo, imaginei qualquer coisa do tipo: Entramos em guerra com alguma superpotência? Não isso não! Deve ser algo maior. Mas e se for o que acabou de me passar pela mente? Então todas essas pessoas e até mesmo eu, estaríamos perdidos pela eternidade.

Mas, logo adiante, eu teria a respostas às minhas perguntas. Mas eu estaria preparado? Não sei!

Num caso como esse, nunca se sabe qual será a nossa reação. Foi quando eu passava diante de uma das lojas da cidade e parei para ver o que estava dando nas notícias da TV. Então meu temor se confirmou, pois aquele estranho acontecimento não era só na cidade onde eu vivia, mas no mundo todo!

As notícias diziam que milhões de pessoas haviam desaparecido misteriosamente. E que familiares afirmavam que elas haviam sido arrebatadas aos céus. Os acontecimentos ainda não estavam bem esclarecidos do que realmente estava acontecendo. Mas os governos da terra negavam isso, enquanto o tumulto e a revolta só aumentavam. Em todo mundo havia

grande pranto e desespero. Mas de repente cortaram as transmissões e as tevês saíram do ar.

Eu não pude ter maiores informações, mas, pela direção que tomava os acontecimentos, eu não tinha mais dúvidas! Só podia se tratar do...

Naquele momento, uma jovem mulher me chama a atenção! Ela corre em minha direção.

— Senhor! Senhor! Por favor, ajude-me! É meu bebê! Ele estava no carrinho e de repente desapareceu! E eu não sei o que aconteceu! Eu preciso encontrar meu bebê! Eu preciso...

Ela chorava muito e quase não conseguia falar. Eu nem sabia o que dizer àquela pobre mãe que ficara sem o seu filhinho. Pedi que ela se acalmasse, mas ela continuou correndo e chorando, a procura de seu bebê. Fiquei olhando enquanto ela se afastava. Mas ela não seria a única! Há essas horas devem ser milhões de mães pelo mundo afora à procura de seus pequeninos.

Mas naquele momento outro tumulto me chamou atenção: uma multidão enfurecida, e que perseguia outros dois homens. Eles corriam um a poucos passos do outro. Já estavam com alguns ferimentos e com suas vestes rasgadas. Os dois usando terno, mas que já estavam em farrapos. Quando se aproximaram de mim, vi que eu os conhecia, tratava-se de dois conhecidos e influentes “Pastores evangélicos” da cidade. Eu já tinha até ouvido alguns de seus sermões.

“Mas o que está acontecendo com esses pobres homens? Eles que só tem feito o bem pela a sociedade e para o povo dessa cidade?” – Indagava-me. Mas sem me atrever a interferir, contentei me em apenas poder ouvir do que eles estavam sendo acusados.

Assim como aquele pobre padre que eu encontrara pouco antes na mesma situação, ou seja, sendo perseguido e hostilizado por aqueles que, até há pouco, eram tratados como fiéis, os pastores também estavam sendo hostilizados.

Então escutei que as queixas eram as mesmas:

*“Vocês sabiam da verdade! Por que não nos disseram? Por que não insistiram um pouco mais e não teríamos ficado aqui! Por que não nos alertaram que isso aconteceria em breve? Seus malditos gananciosos e avaros! Muitos de vocês, só se importaram com os dízimos e ofertas, e em trocar seus carros todos os anos! Vocês, com suas belas casas e mansões à custa do sacrifício dos fiéis! As construções de suntuosos templos. Mas nunca se importaram com a verdadeira palavra da salvação... apoiando e permitindo o adultério, a corrupção e todo tipo de pecado dentro das igrejas, nos induzindo ao erro e agora, ficamos aqui sem salvação! Morram seus malditos”.*

E os dois foram massacrados e trucidados ali mesmo no meio da rua. Sem ninguém fazer nada para defendê-los. Que horror! É claro que os dízimos e ofertas são bíblicos! Mas também é bíblico: Cuidai das viúvas e órfãos e necessitados! E isso nunca, ou raramente, foi feito, é claro que isso não se aplica a todos os Pastores ou Padres. Pois eu mesmo já conheci grandes homens de Deus, que realmente se importavam com o rebanho do Senhor. Mas esses, há essas horas, devem estar encontrando o seu Senhor nas nuvens, como diz as sagradas escrituras.

Naquele momento não tive mais dúvidas sobre o que tinha acontecido. Sim, tratava-se do Arrebatamento da igreja de Jesus Cristo, como ele havia prometido há mais de dois mil anos atrás. Então me perguntei: Por que ele havia demorado tanto para voltar e buscar os seus? Deixando-os sofrer tanto neste mundo?

Entretanto, ao olhar para as multidões nas ruas, e quantos haviam ficado sem salvação, eu mesmo respondi a essa minha pergunta: Ele só estava dando mais tempo, para que muita gente se arrependesse, e o aceitasse como salvador. Os que assim o fizeram já estão salvos e em segurança.

Eu também encontrei muitas pessoas que, chorando e arrancando seus cabelos, diziam: Por que nós desprezamos os ensinamentos de nossos Pastores?! Eles sempre nos alertaram

que um dia isso ia acontecer. Mas damos mais valor às coisas deste mundo, desprezando os ensinamentos do Senhor. E agora meu Deus? Jesus voltou, levou a sua igreja e nós ficamos! O que faremos? O que faremos agora?

Eu, Airiel, continuei a minha caminhada em meio ao caos e a desolação, desviando-me dos mortos e moribundos espalhados pelas calçadas. E não foram poucos os que eu encontrei pelo caminho. Muitos pais que, desesperados, a procura de seus filhos. Filhos se lamentando e que arrancavam mechas de seus cabelos, reconhecendo que os pais tinham razão. Quando dos seus sermões e conselhos. Mas, ao se darem conta de que agora era tarde demais, muitos saltavam dos prédios e viadutos, tentando acabar com o sofrimento.



## Capítulo V.

### De Volta Para o Presente.

Então cheguei a uma esquina onde a rua estava interrompida por cavaletes e guardas. Escutei muito barulho logo adiante – sons de música e aplausos. Onde havia uma jovem sentada atrás de uma pequena mesa, quando fui passar, ela me chamou:

— Moço! Hei! Moço!

— Hein! O quê? É comigo?

— Sim, toma aqui seus bilhetes para os sorteios!

— O quê? Agora vocês estão até sorteando quem vai ou não morar no céu?

— Morar no céu? .... Mas do que é que o senhor está falando? – Pergunta ela intrigada.

— Ah... Nada não! Desculpe-me! Eu estava distraído! – Respondi meio sem jeito, tomei logo os bilhetes que a jovem me alcançava, e segui em frente.

Passei por quase duzentas pessoas, e percebi que o ambiente havia mudado completamente. E o clima era de festa. Muitas pessoas pulando, cantando e se divertindo alegres e felizes. Opa! Mas o que está acontecendo agora? Então me dei conta de que finalmente havia chegado ao meu destino. Ou seja, o local onde eu tinha avistado aquelas luzes. Que, na verdade, foi o que me trouxe até aqui. Percebi também que as luzes não se tratavam de discos voadores, nem algo semelhante. – Não aconteceu nem um ataque marciano. E, muito menos, aquele grande evento chamado “O Arrebatamento”. Evento este aguardado pelos cristãos há mais de dois mil anos.

Tratava-se apenas de uma grande festa de inauguração do novo parque da Gare. Com potentes canhões de luzes, muita música, cantores e apresentações artísticas e tal.

Havia também empresas sorteando muitos prêmios e brindes, até uma concessionária da cidade que ia sortear um veículo zero quilômetro. Esse era o motivo das luzes, sons e multidões, apesar da noite fria.

Quanto a mim, eu não encontrei nada que me servisse de inspiração para meu novo livro. Mas se tudo o que vi acontecer fosse real, eu teria perdido as minhas amadas: a Elisabeth e nossa bebê Ester que está para nascer em breve. E ainda por algum descuido meu, eu teria ficado no Arrebatamento. É eu preciso cuidar mais da minha vida espiritual! .... Cuidem-se meus queridos! Pois ficar aqui nesse dia não será nada bom! É claro que estou falando aos que acreditam.

Bem, já que não consegui o tema para um bom livro, como eu esperava, vou dar uma olhada por aí, e depois vou para casa. A festa estava muito bonita, já tinham feito dois sorteios, eu conferi meus bilhetes, mas, não havia ganhado nada. Então resolvi que estava na hora de voltar para o lado de minhas meninas.

Quando fui me retirar percebi um homem com uma criança: ele vasculhava os seus bolsos tentando encontrar alguma coisa. Aproximei-me para ver se podia ajudar de alguma maneira.

— O que aconteceu moço? Perdeu alguma coisa?

— Sim! Infelizmente perdi - respondeu ele.

Percebi que se tratava de pessoas muito pobres. Então ele disse-me:

— Perdi o bilhete mais valioso. O que concorre a um automóvel zero! E eu com meu filho tínhamos muita esperança de ganhá-lo! .... Esse prêmio ia mudar nossa vida. É eu sou mesmo um azarado!

E na minha mão, restava exatamente o bilhete do sorteio do tal carro zero. Olhei para o rosto da criança e percebi a tristeza dela! Talvez não por não ganhar um carro zero, mas por ver a decepção no rosto de seu papai.

Então alcancei meu bilhete para a criança, que me olhou nos olhos e eu pude sentir toda a sua alegria enquanto pegava o bilhete da minha mão. Era como se o menininho nem acreditasse no que estava acontecendo, pois ele iria ganhar aquele bilhete para alegrar seu papai. Ele esboçou um lindo sorriso. Ao ver aquilo, a alegria encheu o meu coração. Mesmo não acreditando que eles pudessem ganhar o tal carro zero, eu estava torcendo muito pelos dois.

Então a pequena criança entregou o bilhete ao pai. O homem também sorriu, deixando visível em sua boca alguns dentes faltando. Agradeceu-me, e saíram alegres e felizes em direção ao local onde ia ser feito o sorteio do automóvel. Eu também ia me retirando quando ouvi que iam sortear o tal carro. Resolvi aguardar um pouco mais, só por curiosidade. Então, quando falaram os últimos números, do bilhete premiado, o homem saltando de alegria gritava: É meu! Eu ganhei! Eu ganhei! E, abraçando-se a criança, dizia: Filho! Nós ganhamos o carro! -- ele continuou repetindo aquilo por várias vezes.

Eu nem podia acreditar naquilo! Pois havida dado o meu bilhete que valia um carro zero quilômetro a um desconhecido. Mas só de ver a alegria daqueles dois já havia valido a pena! Eu posso continuar por mais algum tempo com meu velho Logus.

Naquela noite eu podia voltar para casa alegre e feliz por ter colaborado para que o sonho daquele pobre homem se realizasse, e isso era muito bom. Esperei para ver se estava tudo certo com o bilhete que eu havia dado aquele homem e seu filhinho. Depois andei até meu velho carro e voltei para casa.

Enquanto dirigia, eu meditava em tudo que tinha acontecido naquela noite. Minhas visões, minhas loucuras, seria tudo coisa da minha imaginação? A imaginação de um poeta,

escritor, em busca de uma inspiração, uma ideia para um bom livro. Sem nunca me esquecer, de que devo ser um escritor consciente e criativo para agradar aos meus leitores, assim a minha busca por alguma história muito especial continua.

Às vezes me dava uma vontade de reclamar com Deus! Mas, quem era eu para questionar os projetos do criador para minha vida? Ainda mais eu que sempre tinha me esforçado para ser fiel e obediente a ele. Sei que nunca fui o mais perfeito dos homens, mas sempre procurei ser uma pessoa melhor.

Quando finalmente cheguei, pude matar a saudade das minhas princesas. E, ao me deitar naquela cama quentinha com o calor de minha amada Elizabeth me aquecendo, eu pude agradecer a Deus e ver que a vida sempre vale a pena. Mesmo que tenhamos que vencer um leão por dia.

Quando levantei pela manhã, fui logo preparar meu chimarrão, e o café de minha Lady. Pois naquele dia ela podia dormir até mais tarde: estava de folga. E eu ia aproveitar para servir-lhe um delicioso café na cama. Ainda mais depois da nossa maravilhosa noite de amor. Até parecia que seria nossa última noite juntos! E também porque Elisabeth precisava se alimentar muito bem, para que nossa filhinha pudesse nascer forte e saudável.



## Capítulo VI.

### Uma Vida Por Outra.

Era uma linda manhã de Sexta-Feira. Apesar de ser inverno o Sol, insistia em aquecer um pouco o nosso dia. E como havíamos combinado, iríamos sair um pouco para resolver alguns assuntos pessoais, e também aproveitar o dia de folga de Elizabeth. Além de passear no shopping, queríamos também escolher algumas roupas e acessórios para nosso bebê que breve estará chegando para alegrar ainda mais nossas vidas.

Então, para ganharmos tempo, Elizabeth se dirige ao Banco, enquanto vou à agência dos correios, pois preciso enviar uns originais a uma editora. Combinamos de nos encontrar no shopping, que fica ali perto. Estava tudo certo. Saí da agência, e segui para encontrar Elisabeth. Eu olhava o movimento, pois tenho por costume observar as coisas ao redor. Foi quando tocou meu telefone. Eu não conseguia entender direito o que a pessoa falava do outro lado. Havia muito barulho! Vozes, gritos, sirenes. De qualquer forma meu coração já tinha disparado, pois sabia que não seria nada de bom.

Pensei: “será que é Estér querendo nascer? Não! Não pode ser, ela está com apenas 24 semanas”. Então consegui entender um pouco melhor o que a pessoa falava. E a notícia que recebia, mesmo não sendo muito clara, levantou-me até o alto e arremessou-me de volta ao chão, arrebatando-me por inteiro.

A notícia era de que havia acontecido uma tentativa de assalto ao banco. E que minha Elisabeth tinha ficado ferida na troca de tiros entre policiais e bandidos.

Corri para o hospital o mais depressa que pude! Tinha a impressão de que meus pés nem tocavam ao chão. Não via ninguém no caminho e nem a distância que percorri. Só me lembrava de pedir a Deus, que não fosse nada! Ou, pelo menos,

nada de muito grave. Pois Elisabeth e eu tínhamos lindos planos e projetos de vida juntos de nosso bebê.

Mas eu estava enganado: a situação de Lady e Ester era gravíssima!

Notei isso na entrada da emergência. As pessoas pareciam saber quem eu era, da forma que me olhavam, como se dissessem “pobre homem, não imagina o que o aguarda”. E que a as notícias só iriam piorar dali em diante. Na entrada do hospital, policiais e muita gente.

Depois de me identificar e procurar saber da situação um médico veio falar-me, dizendo que seria muito franco comigo, que a situação era delicada, que fariam tudo possível para salvar uma das duas, mas que o risco de as perder era muito grande.

Nesse momento eu perdi o chão! Sabia que qualquer resultado seria terrível! Eu não aceitava a ideia de que, na melhor das hipóteses, uma das minhas amadas não sairia dali com vida! “Não, isso eu não aceito de forma alguma!”. Caí de joelhos ali mesmo em um cantinho daquela sala de espera. E pus meu rosto no pó invocando o nome do Senhor todo poderoso para que ele não me abandonasse na hora mais difícil da minha vida:

— Não, senhor, não vire seu rosto agora! Eu... Eu troco a minha vida pela vida delas! Uma vida por outra, senhor! Tome a minha, mas, poupe a minha amada Elisabeth e minha filha. Pelo amor de Deus! Pelo amor de Deus! Por que isso tinha que acontecer comigo senhor? Por que comigo? Eu que sempre procurei ser um homem justo e correto no meu viver!

— Moço! Por favor, fale baixo! Estamos em um hospital – era uma enfermeira que falava comigo, pois nem percebi que estava gritando.

— Desculpem-me! – Disse eu às pessoas que por ali se encontravam.

Nesse momento, uma mão toca em meu ombro, era Sandra, a irmã de Elisabeth, que havia chegado. Ela me abraçou,

para me confortar, já que eu chorava sem parar. Sandra já estava a par de tudo, e sabia que o que estava para acontecer a qualquer momento. E seria aterrador para mim. Ela temia que eu não suportasse tamanha dor, pois sabia do meu grande amor pelas duas.

As horas pareciam uma eternidade à espera por notícias da cirurgia. Eu não parava de orar e pedir por misericórdia a Deus, enquanto andava de um lado a outro da sala. Mesmo sabendo pela boca dos próprios médicos que as duas corriam grande risco de vida, que se uma das duas se salvasse seria só por um milagre, mesmo assim eu ainda não tinha desistido, pois eu era um homem fiel a um Deus de milagres. E minha Elizabeth sempre foi uma pessoa de muita fé! E que se um milagre ia acontecer em nossas vidas, a hora era aquela. Era agora ou nunca mais.

Eu, Airiel, estou passando pelo momento mais difícil e triste de toda a minha vida, pois minhas duas princesas, as pessoas que mais amo neste mundo, estão na sala de cirurgia, com suas vidas por um fio. E eu nada posso fazer para salvá-las a não ser rezar, orar, pedir que Deus as salve para mim.

Elizabeth, minha amada esposa, foi ferida gravemente quando estava em um banco da cidade e bandidos tentavam assaltar a agência. Eles travaram grande tiroteio com policiais. Minha Lady foi atingida com dois tiros: um no peito e outro que passou raspando à nossa bebezinha na barriga de Lady. Ela está com apenas 24 semanas. Agora as duas correm grande risco de vida.

Já implorei ao criador que, aceite a minha vida no lugar da vida de minhas amadas. Pois não conseguirei viver sem elas. Se eu perder uma delas, nem imagino o que possa acontecer comigo. Nossas vidas foram planejadas para ser vividas juntas, e não há nem uma possibilidade de ter continuidade, separadas.

Quando acontece algo assim com alguém, sempre se procura levar uma palavra de conforto. Isso é normal, querer confortar um amigo, o irmão, o familiar. Mas só quem está vivendo,

passando por aquele momento difícil, sabe que não existem palavras, por mais bonitas, reconfortantes e sinceras que sejam.

Se aceita por educação e respeito, mas não existem palavras de consolo ou, esperanças, que possam amenizar um pouquinho a dor de uma perda. Não no momento. E era isso que estava acontecendo comigo, eu estava perdendo as pessoas mais importantes da minha vida.

Isso eu sentia enquanto amigos queridos correram ao hospital para me abraçar e oferecer ajuda. Eu os abraçava e entendia e ficava muito grato por sua boa intenção! E como era importante tê-los ali comigo nessa hora difícil! Mas aquela dor, aquele medo! Não havia quem pudesse tirar de mim. Nem sequer amenizar um pouquinho.

Então o pior aconteceu! Aquilo que eu já sabia, mas não queria acreditar: o médico sai da sala e vem em nossa direção, olhando em seus olhos e na expressão de seu rosto. Eu tive certeza de que havia acontecido o que eu mais temia. Ele se aproxima e faz aquele gesto negativamente com a cabeça. A minha voz ficou entalada na garganta! Até que, com grande esforço, consegui perguntar:

— E aí Doutor, como foi?

— Sinto muito! Fizemos tudo o que era possível, mas, a mãe, ela não resistiu.

Aquelas palavras rasgaram meu peito e dilaceraram a minha alma. Eu não quis ouvir mais nada! Um grito de dor, que podia ser confundido com o urro de um animal ferido saiu de minha garganta. Um grito de dor, uma dor que saía das entranhas da alma, que só quem sente pode ter a noção, a extensão dessa dor.

## Capítulo VII.

### Deus! Cadê Você?!

Depois da notícia de que havia perdido minha querida e doce amada, meu mundo desabou completamente sobre mim, soterrando-me na escuridão de uma dor sem fim. Cego e surdo de dor, eu saí sem rumo e sem destino. Não via nem ouvia ninguém em minha volta. Acredito que familiares e amigos que comigo estavam nessa hora nem tentaram impedir-me, pois perceberam que não haviam palavras que pudessem ser ditas para amenizar um pouco aquela dor. Nem sei por quanto tempo eu andei! Só me dei conta que era tarde da noite, e eu me encontrava em um lugar alto da cidade. Pode ser que, inconscientemente, depois de vagar sem direção, eu tenha vindo parar aqui: é um lugar conhecido como Sétimo Céu! Daqui se pode ver grande parte da cidade e se tem a impressão de se estar mais perto do céu. Eu acho que por isso vim para esse lugar. Ficar mais perto do céu, mais perto de Deus, o criador, para poder gritar a minha dor.

Com os meus dois braços em direção aos céus, eu falava em alta voz! Eu chorava as lágrimas mais amargas dessa vida. Eu pedia a Deus, por repetidas vezes, que levasse a mim, mas que deixasse a minha amada. “Eu... Eu troco uma vida por outra, tome a minha pôr a dela!” – Eu suplicava...

Eu clamei! E gritei! Por horas! Mas, ninguém me respondia. – Cadê você meu Deus? Por que não me responde? Perdoe-me, ó Senhor, mas eu não sou Jó! Eu não tenho a sua fé e muito menos a sua paciência! Se não me ouvires agora, então me esqueças para sempre! Ou, mate-me também. Eu rasguei minhas roupas naquele momento, gritei e chorei! Mas só o que consegui foi irritar algum morador das proximidades, que chamou a polícia, que, depois de muito trabalho, conseguiu me imobilizar, pois eu provocava-os para que atirasse em meu peito, e acabassem com a minha dor. Mas eles me dominaram e

prenderam-me por perturbação. Os policiais me trouxeram até ao centro da cidade, e me aconselharam a não voltar a perturbar, caso contrário teriam que me deter pra valer. Um deles havia me reconhecido do hospital e sabia da minha dor. Por isso devem ter se compadecido e me liberado para ir.

Saí andando novamente naquela madrugada fria, que para mim era mais fria ainda. Eu ainda não sabia ao certo o que faria! O que ia ser de mim? E nem me importava com isso. “Viver ou morrer tanto faz” – pensava. “Estou acabado mesmo”. Não me restava mais nada nessa vida. O vento quebrava o silêncio daquela noite triste, enquanto arrastava as folhas pelas calçadas. Eu era como uma daquelas folhas arrastadas pelo vento, sem vida, sem rumo, sem direção e sem nada.

Sentei-me naquele banco da praça em frente àquela bela Catedral. No mesmo banco onde por muitas vezes sentei com a minha amada, onde felizes trocamos carícias e juras de amor, mas que agora não está mais aqui comigo! Sim, Deus a levou! Ele a tirou de mim justo quando estávamos nos preparando para viver os momentos mais felizes de nossas vidas. Pois esperávamos por nossa filhinha que iria completar a nossa felicidade. Seríamos uma família, uma família feliz. Por quê? Por que isso tinha que acontecer? Por que a gente não podia simplesmente viver e ser felizes juntos? Será que isso é pedir demais.

Eu contemplava aquela grande e magnífica Catedral na minha frente e me perguntava: será que Deus está lá dentro? Não, é claro que não! Pois se estivesse, com certeza, já teria ouvido os meus gritos de dor e vindo me socorrer.

Logo que amanhece, tenho que ir! Tenho que cumprir o meu dever. Tenho que dar o último adeus à minha amada! Há como eu queria poder pular essa parte da vida. De não ter que ver a pessoa que sempre foi e sempre será, para mim, a mais importante desse mundo. Ali deitada, inerte e sem vida! Há como é triste e difícil ter que dizer adeus! Adeus para sempre, um último olhar, um último beijo e o último adeus. Um adeus fora de tempo! Um adeus forçado, um adeus doído.

Não foi assim que eu planejei para nós, minha querida! Você não se move você não me ouve, você não reage. Eu não posso aceitar isso! Eu nunca vou aceitar que você foi tirada de mim assim, dessa maneira! Minha querida Elizabeth, eu não consigo expressar o tamanho dessa dor que me consome! Eu não vou conseguir querida! Eu não vou conseguir. Não foi só você que morreu meu amor, pois eu também morri – morri com você.

Não adianta relutar! Tive que despedir-me de minha Lady. E lá estava ela! Linda como sempre, parecia como uma das tantas vezes que a vi dormindo. Serena e tranquila! Dava vontade de gritar, gritar como uma criança que não entendia o que estava acontecendo. “Levanta-te, meu amor! Levante-se! Foi só um engano! Você está bem! Você está bem! Vamos para a nossa casa agora querida! Tudo vai ficar bem meu amor”. Mas não adiantava tentar me iludir, ela estava morta. E não podia mais me ouvir! Não importava o quanto eu gritasse.

Depois de passar alguns momentos ao lado de minha amada, chegara o momento de me despedir. Era triste e doído demais. Eu a beijei muito. Depois pus uma rosa vermelha ao lado do seu rosto com meu último beijo. E então ela se foi, acompanhei na caminhada até sua sepultura e ela foi deixada ali. Seu corpo foi deixado, pois ela, a minha querida e doce amada, estaria para sempre comigo, no meu coração e no meu pensamento.

De agora em diante, não sei o que vou fazer! Não sei o que será da minha vida, se é que vou sobreviver. Mas uma coisa é certa: aconteça o que acontecer, minha Elisabeth estará comigo para sempre.

## Capítulo VIII.

### Brigando Com Deus.

Depois de passar em casa e tomar algumas providências, fui até ao hospital ver como estava nossa bebê, a Ester. Ainda que em estado grave, mas ela havia sobrevivido depois de tudo. Mas os médicos foram muito claros quando disseram a minha cunhada e a mim que dificilmente Ester sobreviveria, pois com 24 semanas ela pesava apenas 450 gramas, era muito pequena, tinha cerca de uns 30 centímetros. E em casos como esse, as chances de sobrevivência da criança eram de 40%.

Eu já tinha decidido o que faria de minha vida sem minha Elisabeth. Eu ia cair no mundo, viver ou morrer tanto faz! Eu não tinha mais motivos para continuar nessa vida. Então, na casa de Sandra, a irmã de Elizabeth, eu fui por ela a par do que pretendia fazer. Pedi que tomasse conta de Ester, já que minha cunhada não podia ter filhos. Ela era estéril e com certeza um bebê seria um presente do céu para ela.

Sandra, assim como minha Lady eram muito religiosas, de uma fé inabalável. E sua reação não poderia ser outra. Ela tinha que me falar de Deus, e de suas benevolências:

— Meu querido cunhado! Eu sei que você está abalado com a perda de Elizabeth. Todos nós estamos. Também sei que vocês sempre se amaram demais, mas não podemos esquecer que Deus...

— Você vai me falar de Deus, Sandra? Esse mesmo Deus, a quem eu pedi, eu gritei, eu implorei até não ter mais voz e ele não me ouviu?! Se me ouviu? Não respondeu a minha oração! Pelo contrário, ele fez exatamente o que eu tanto pedi que não fizesse. Ele, esse Deus a quem eu sempre fui fiel, ele me abandonou na hora que eu mais precisava dele. Por isso escute bem o que vou dizer! A partir desse momento eu não tenho mais Deus nem um.





Não Sandra, nunca mais! Esse.... Ela me interrompe, – Não fale assim, por favor, Airiel! Eu te suplico! Não fale assim de Deus, ele sempre sabe o que faz! Nós é que não entendemos os seus caminhos. Você não pode esquecer-se de onde Deus lhe tirou! Você era um jovem perdido nas drogas! Um viciado miserável e desgraçado que não tinha valor para ninguém. Era desprezado por todos e pela sociedade. Mas quando Deus entrou na sua vida, tudo mudou! E você teve uma nova chance para viver, e ser feliz.

— Feliz você diz?!... Já chega Sandra! Eu não quero mais nem ouvir falar desse Deus! Está me ouvindo Deus? .... Agora que você destruiu a minha vida! Agora que você tirou o que de mais precioso eu tinha nesse mundo, porque você não me mata também? Por que vai me deixar aqui sofrendo? Leve-me também! Eu quero morrer, eu quero morrer junto com minha Elisabeth! Deus! Eu não quero mais viver! Já que você tirou tudo de mim. Eu não tenho mais nada nessa terra! Eu quero ir embora! Eu quero ir embora daqui! Estão me ouvindo ai em cima?! Pois de hoje em diante, eu não tenho Deus, eu não tenho ninguém! É isso mesmo! Estou de mal com você! Estou brigando com Deus! Estou rompendo com ele! E vou cair nesse mundo sem nada e sem ninguém. Pode ser que lá eu encontre a morte, que será a solução para o meu sofrimento. E não olhe mais para mim. Já que sou para ti apenas “um Boneco, um Boneco de Barro”. Sou como um brinquedo em suas mãos, que você faz e desfaz quando bem quer. Não foi justo comigo, eu que sempre acreditei em milagres. Que milagre, que nada. Na hora em que eu mais precisei de um, ele não aconteceu.

Daquela hora em diante parecia que eu havia saído de mim, a dor da perda era insuportável. Eu saí dali e, como havia prometido, caí no mundo. Tornei-me um andarilho, um mendigo, um vagamundo sem propósitos e sem valor.

É agora sim eu realmente estava só! Eu havia brigado com Deus. É Airiel, você até parecia embriagado, pois ninguém em sã consciência provoca a Deus daquela forma. Mas você, o fez

porque você realmente está embriagado, embriagado de dor e surdo para os conselhos de quem quer que seja. Depois de brigar com Deus até ficar sem forças e sem voz, eu saí andando errante e sem destino. E por muito tempo ninguém ouviu falar de mim.

Quando ouvimos a frase “brigar com Deus”, logo achamos que é um absurdo, e é um absurdo! Pois como pode um mero ser humano querer brigar com o criador. Mas te digo que não são poucas as pessoas que pensam que podem brigar com Deus. É claro que não são aquelas brigas assim com grandes ofensas e tal, é mais um tipo de queixa. Mas geralmente acontece quando alguém não tira dez na prova ou, não conquistar aquela vaga de trabalho tão esperada. Ele (a) não se dedica aos estudos como deveria não se prepara para conquistar aquela vaga de emprego e depois quer culpar a Deus por seus fracassos. Algumas pessoas ainda tem a cara de pau de dizer: poxa Deus! Por que você não me ajudou! E o pior é que muitas vezes, ao sair de casa, nem se lembrou de pedir a ajuda e a proteção dele. E depois vem cheia de razão querendo brigar com Deus. Mas ainda bem que Deus é um pai amoroso e misericordioso, pois se não fosse assim acredito que muitos seriam exterminados ali mesmo. Muitos não sabem, mas é pecado murmurar contra Deus. O que não é o meu caso! Eu briguei sério com ele. E não quero que alguém faça o que eu fiz. Se eu fiz o que fiz foi porque eu perdi tudo! E não tenho mais nada nessa vida. Posso estar errado? Sim, com certeza. Mas foi isso que eu fiz.

Por falar em brigar com Deus, me veio à memória alguém que realmente brigou com ele, alguém que lutou com Deus, é claro que foi uma luta diferente da de muitos que já ouvimos por aí! Esse homem que lutou com Deus. Ele se agarrou ao senhor, e disse: não lhe largarei se antes não me abençoar! É isso mesmo, o homem se chamava Jacó e desejou tanto a bênção do criador que fez isso.

Jacó fugiu de Canaã por causa da ira de seu irmão. Mas agora estava prestes a reencontrá-lo e não sabia se Esaú, mesmo depois de tanto tempo (pelo menos 14 anos), ainda queria matá-

lo. Por isso enviou mensageiros a ele e, quando soube que Esaú vinha ao seu encontro acompanhado de quatrocentos homens, mandou-lhe presentes e dividiu sua caravana de modo a dificultar um eventual ataque contra todo seu grupo.

Na noite que antecedeu o encontro de Jacó com seu irmão Esaú, algo curioso aconteceu. Diz a história que Jacó passou a madrugada toda lutando com um homem, junto ao ribeiro de Jaboque. Quando o homem viu que não podia dominá-lo, deslocou-lhe a coxa e disse: *"Deixe-me ir, pois o dia já desponta."* Jacó, porém, respondeu: *"Não te deixarei ir até que me abençoes."* O homem, então, mudou o nome de Jacó para Israel, que significa "ele luta com Deus", e o abençoou. Jacó ficou cheio de temor e chamou aquele local de Peniel (a face de Deus), pois disse: *"Vi a Deus face a face e, todavia, minha vida foi poupada."* Pois se Deus quisesse o teria destruído com apenas um sopro. Ele, então, seguiu seu caminho mancando, em virtude do ferimento na coxa. Os fatos acima narrados levantam uma séria questão. Sabe-se pelo texto que a pessoa com quem Jacó lutou era Deus em forma humana.

Para mim isso não tem a menor importância, não agora. Admito que essas palavras, eu aprendi a guardar e reverenciar a vida toda, agora, elas parecem não querer sair de mim. Ficam tilintando na minha mente. Mas eu lutarei contra ela com todas as minhas forças, pois não as ouvirei nunca mais. Como eu dizia, tornei-me um andarilho, um vagabundo que ninguém se importa, que ninguém vê. No início algumas pessoas até me olhavam com a impressão de me reconhecer, e diziam: Será ele mesmo? No que se tornou esse homem?! Como é a vida! Eu o conheci há algum tempo atrás! O que o terá levado a isso? Mas logo minha barba e cabelos cresceram, as minhas roupas já se rasgaram, a própria situação de viver nas ruas os afastou de mim. Mas quando alguém perguntava – Quem é você? Eu respondia: Sou apenas um boneco, "Um Boneco de Barro".

Fiquei na cidade por mais alguns meses, e pude ver quando Sandra, a irmã de Elizabeth, fora buscar a pequena Ester

no hospital. Minha pequena estrelinha estava bem, e muito linda. Então segui meu caminho, andando de cidade em cidade, pelos campos matas e montanhas. Qualquer lugar me era morada! E lugar nenhum era o meu destino, já que ninguém esperava por mim em lugar algum.

Depois de vagar por muito tempo, sem marcar tempo algum para nada, eu já havia passado de tudo nesse mundão.

São tantas as coisas que acontecem com quem vivem nas ruas que ninguém pode imaginar. Só quem viveu é capaz de descrever! Maus-tratos, preconceitos, abusos e etc..... Mas há também amor, compaixão, compreensão e caridade. Quando se vive nas ruas se aprende a conhecer as pessoas de verdade. Do que elas são capazes. A sociedade não está totalmente perdida! Ainda há pessoas de bem! Ainda há esperanças para o ser humano.

Então um dia eu descobri que já haviam se passado oito anos desde que tudo aconteceu. A saudade era grande de rever a minha Estrelinha. Se bem que, nas idas e vindas das minhas caminhadas pela terra, eu algumas vezes a vi, assim de relance. Não querendo chamar a atenção, mas eu via quando sua tia Sandra a levava para a escolinha. Algumas vezes sorri por ver como estava linda. Outras vezes chorei por ver como se parecia com a mãe. É ela se parece muito com a sua mãe, a minha querida Elisabeth. Cada vez que recordo o que aconteceu, eu renovo a minha briga com Deus. Por que ele deixou aquilo acontecer? Ele não poderia ter impedido? É, são perguntas sem respostas. Um dia, quem sabe, ele possa me fazer entender tudo isso.

## Capítulo IX.

### Um Boneco de Barro.

Depois de oito anos sem me fixar em lugar algum, andando de um local a outro, sem destino e sem ninguém, hoje estou de volta à minha cidade, o lugar onde minha vida foi destruída há alguns anos. Neste lugar eu fui feliz e infeliz. Tive tudo e não tive nada, pois tudo o que eu pensava ter me foi tirado de um momento para outro, sem compaixão e sem aviso. Mas eu voltei! Alguma coisa me trouxe para cá. Algum sentimento mais complexo do que eu possa entender. Mas estou aqui! Vamos ver o que poderá acontecer agora...

Logo de chegada, um terrível acidente muito perto de onde eu estava. Quase que um dos veículos envolvidos me atropelou. Cheguei a pensar que minhas andanças e meu sofrimento haviam chegado ao fim. Mas ainda não seria daquela vez! O veículo parou a alguns centímetros de mim. Minha atenção se voltou para um dos carros envolvidos no acidente, pois ali havia um pequeno menino de uns sete ou oito anos. Ele estava preso nas ferragens. O pequeno parecia sem vida! Uma pobre criança com a vida toda para viver! E de repente tudo acaba assim de forma tão trágica. Populares correram tentando fazer alguma coisa para ajudar, mas nada podia ser feito. Só os profissionais socorristas poderiam tirá-los dali. Falo tirá-los porque também havia um homem desacordado que deveria ser o pai do garotinho.

Como não podia ajudar, tratei de afastar-me um pouco para não atrapalhar o resgate dos dois. No outro veículo uma caminhonete, a que quase me atropelou depois de bater fortemente no veículo onde estava o garotinho.

Quando a polícia chegou, verificou que o motorista que avançou o sinal estava embriagado. No seu veículo foram encontradas várias garrafas vazias e também cheias. Devido aos

ferimentos, o homem foi levado para a emergência, mas quando se recuperasse com certeza teria que responder por esse crime.

Fiquei observando, pois queria ver o que ia acontecer ao menino e seu pai. Com dificuldade, mas com muita habilidade e profissionalismo, os socorristas retiraram os dois das ferragens. O menino, é lógico, foi o primeiro, e ele estava vivo, o que me alegrou muito, pois me lembrei de minha pequena Ester, já que o menino devia ter mais ou menos a mesma idade dela. Ele estava muito ferido.

O veículo ficou destruído! Só por um milagre: quer dizer, se existissem milagres. Seus dois ocupantes escaparam com vida. Embora com múltiplos ferimentos graves, pai e filho, depois de alguns dias hospitalizados em estado gravíssimo, recuperaram-se parcialmente, é claro. O homem, um importante empresário da cidade, foi o primeiro a ter alta. Seu filho, um garotinho de apenas oito anos de idade, com ferimentos mais sérios, teve que permanecer hospitalizado por muito tempo. O caso teve grande repercussão pelo fato de o motorista do veículo que causou o acidente, ele estava embriagado, invadindo a preferencial e atingiu o veículo em cheio onde estavam o Sr. Airton e seu filho, o menino Felipe.

Eu continuei pelas ruas daquela cidade, e acompanhei o caso pelos jornais que encontrava nas ruas. Ao ver-me por ali algumas pessoas ainda me perguntavam: quem é você afinal? Ao que sempre respondi: não sou ninguém! Sou apenas um “Boneco de Barro!” – O que? Um Boneco de Barro? De onde você tirou isso homem? Alguns me questionam intrigados. Mas eu magoado, entristecido com Deus, queria me referir apenas na criação do homem Ora, de onde eu tirei!? De: – Gênesis 2:7

Adão [do hebraico "vermelho", *adom*], termo similar ao usado para designar 'terra' [no hebraico. *'adama*], foi assim chamado, pois Deus formou o primeiro homem, Adão do barro, da terra = “um Boneco de Barro”!

“E formou o SENHOR Deus o homem do pó da terra, e soprou em suas narinas o fôlego da vida; e o homem foi feito alma vivente”.

Eu sei que diversos filósofos, astrônomos, físicos e outros pensadores que, além de se dedicarem a tentar explicar qual seria a origem do universo, tentaram também e, de forma especialmente particular, explicar a criação do ser humano.

Durante muito tempo, predominou universalmente a crença fundamentada no criacionismo segundo a Bíblia Sagrada. Que é o que eu também sempre acreditei. Por isso digo que sou apenas um “Boneco de Barro”. Entretanto, a partir de 1859 com a publicação do livro “A Origem das Espécies por Charles Darwin”, a comunidade científica, em sua maioria, passou a adotar a teoria da Evolução das Espécies através da seleção natural.

Além disso, muitos cientistas, dentre eles o famoso físico, teórico e cosmólogo Stephen Hawking, eles defendem a tese de que o homem seria resultado do que restou da formação das estrelas.

Segundo a Ciência, a vida seria assim algo que apareceu em nosso planeta simplesmente por acaso, era o resto da formação do universo, sem sentido algum, sem nenhum propósito. Mas para mim, isso tudo agora tanto faz! “De qualquer forma não passo de um Boneco de Barro”.

Algumas vezes eu aproveitava o tempo para matar a saudade de minha Ester! Mesmo de longe, para não chamar muita a atenção, eu ficava olhando.

Como ela cresceu! Está a cada dia mais parecida com a mãe. Algumas vezes fui até o seu colégio. Sempre tomando cuidado, eu ficava olhando através da grade enquanto ela brincava com os coleguinhas. Certa vez eu acho que, de alguma forma, ela sentiu a minha presença: Pois olhou repentinamente em minha direção. E logo veio andando devagar, mas sem tirar os olhos de mim! Pensei em correr, fugir dali, mas não tive coragem, pois ela poderia desconfiar. Então fiquei firme, feito uma vara verde de tanto que tremia, enquanto ela se aproximava

lentamente, até ficar bem próxima de mim, separados apenas pelo pequeno muro e a grade.

Então fitou seus lindos olhos aos meus, e em silêncio me observava. Minha filha tinha se tornado uma menina muito linda. Seus olhos verdes iguais aos de sua mãe penetravam-me a alma. Um nó se formou em minha garganta! Então ela me perguntou: o que você quer moço?... – E eu engasgado não podia responder! Então ela continuou: Você parece uma pessoa muito triste! O que aconteceu? – Eu até tentei responder, ou, pelo menos, dizer alguma coisa, mas não consegui! Então ela continua. – Sabe moço, minha tia me recomendou a não conversar nem me aproximar de estranhos! Mas com você é diferente! Eu não sinto que seja perigoso. Eu já vi você outras vezes aqui por perto, mas... – Ela não teve tempo de continuar, a professora a chamou. Sai dali, e fui para o lugar onde costumava ficar. Pois não queria que Sandra desconfiasse e me proibisse de me aproximar de Ester.

Até que, numa tarde daquelas, alguém me surpreendeu! Era Sandra. Procurei ficar na minha, pensando! Ela não me reconhecerá. Engano meu! Ela se aproxima, e me chama pelo meu nome: Airiel meu querido! Quanto tempo hein! Chegamos até pensar que já havia morrido! Também, levando essa vida que leva, não seria de se estranhar, se estivesse morto. Mas me alegro de ver que está vivo! — Já sei Sandra, veio aqui brigar comigo! Mas olha! Você tem razão eu não devia ter.... — Pare com isso homem! Não estou aqui para lhe dar bronca nenhuma! Só que Estér tem falado muito, de tal homem que fica espiando pela grade, e até me perguntou: Tia, quem é aquele pobre homem que fica nos olhando no caminho da escola? E algumas vezes eu percebi que lágrimas molham o seu rosto! – Ela falou isso é? Desculpe-me Sandra! Se isso aconteceu, foi sem querer! Eu não queria que ela percebesse. Mas foi muita emoção! Não pude evitar. Pensei que nem tinha mais lágrimas, de tanto que já chorei nessa vida.

— Acalme-se Airiel! É bom saber que ainda tem esses sentimentos! Eu quero que saibas que eu nunca escondi de Ester que ela tem um pai, e que ele está viajando pelo mundo, mas que



um dia ele poderia voltar. E também lhe contei sobre a sua mãezinha que está no céu. – Eu pensei que diria a ela que você... – Não Airiel! Eu sempre prefiro a verdade e não achei certo dizer a ela que sou sua mãe! É claro que expliquei tudo com muito cuidado e no tempo certo. Por isso vim lhe pedir que volte para casa! Volte a ser aquele bom homem que sempre foi, pois, sua filha lhe espera com muito amor e carinho. Ela pergunta por você com frequência.

— Eu não posso Sandra! Eu não posso voltar! Aquele homem que você conheceu, ele não existe mais, ele morreu há nove anos há trás.

— Está bem Airiel! Eu não vou insistir, porque acho que você ainda não está pronto para voltar. Mas quando chegar o momento! Eu quero que saiba que estamos lhe esperando. Especialmente sua filha. Por isso Airiel, pense muito bem! E pare com essa cisma de pensar que pode brigar com Deus! Pois quem é o homem para questionar o que faz seu criador?

Eu e Sandra discutimos por mais algum tempo e depois ela se despediu e foi para sua casa. Enquanto eu continuei ali na minha casa, a rua. E o tempo vai passando lentamente, mas tudo que Sandra me falou naquele dia ficou matutando em meus pensamentos. E eu continuava a observar minha pequena estrelinha. Agora com cuidado redobrado para não estragar tudo. Mas confesso que muitas vezes tive vontade de sair correndo e lhe dizer: Filha sou eu seu pai! E vim lhe dar um abraço gostoso. Não, eu não poderia fazer isso! Pois minha briga com o criador tinha que continuar, eu não podia baixar guarda, e nem me render assim, por causa desses sentimentos.

Na casa da família Mello, hoje, dois anos mais tarde, tudo parece ter voltado ao normal. Mas só parece! Nada será como antes, as marcas e traumas daquele terrível acidente ainda perturbam profundamente a família.

O pequeno Felipe, agora com dez anos de idade, que estava na companhia do pai naquele dia fatídico, ficou

dependendo de uma cadeira de rodas para se locomover. Mas esse incrível garotinho não se deixou abalar, bem pelo contrário, o menino dá exemplo de muita fé e perseverança, causando admiração á muitas pessoas. No entanto, o mais abalado com tudo isso, é o pai, o rico empresário Sr. Airton de Mello. Principalmente por não entender de onde seu filho tem tirado certas ideias, as quais nunca lhe foram ensinadas. Pelo menos, não por seus pais. O pequeno Felipe afirma veemente que só sobreviveu ao acidente por um milagre, e que um anjo desceu do céu e o protegeu. Ninguém duvida disso, até mesmo o mais incrédulo dos homens. A não ser o pai é claro, esse não acredita em nada, nada além do seu dinheiro. Ele é pior do que Tomé: que só acreditava vendo. Airton, no entanto, nem mesmo vendo, pode crer. Ou talvez seja alguém que como eu, que perdeu a sua fé por algum motivo nessa vida. Por isso aprendi a não julgar. Mas, pelo que se ouve na cidade, ele só confia mesmo em seu dinheiro e nada mais. É uma pessoa muito incrédula e materialista, isso acontece muito entre os homens.

Mesmo tendo ficado dependendo daquela cadeira de rodas, e desenganado pelos melhores médicos que o dinheiro poderia pagar, esse pequeno menino continua acreditando e afirmando a todos com quem conversa que em breve ele voltará a andar como antes do acidente. A mãe, a professora universitária Maristela de Mello, apoia o filho em tudo, contrariando as recomendações do pai, um homem do tipo durão e incrédulo que não acredita em Deus, muito menos em milagres. Airton só acredita naquilo que seu dinheiro pode comprar e nada mais.

— Eu não entendo de onde esse menino tirou essas ideias absurdas de anjos e milagres! E você, como mãe, não pode ficar incentivando ele acreditar em coisas absurdas como essas! – Diz Airton.

— Mas o que você recomenda que eu faça? Que tire a única esperança que resta a uma criança que passou por tudo o que nosso filho passou!? Desculpe-me querido! Mas eu não posso e não vou fazer isso – responde a mulher.

— Ah, é! E o que vamos dizer ao nosso filho quando nada disso acontecer e ele continuar para sempre dependendo dessa maldita cadeira de rodas? A decepção dessa criança será terrível para sua saúde, já pensou nisso?!

— Pois eu lhe digo que não podemos tirar essa esperança dele! Eu também nunca acreditei muito nessas coisas de milagres e fé! Mas, se fizermos isso, estaremos lutando contra a recuperação de nosso filho. E te digo mais, assim como nosso filho, eu também acredito que alguma coisa de sobrenatural aconteceu naquele acidente. Pois, do contrário, nosso pequeno Felipe não estaria mais aqui com a gente. Eu não sei quem falou a ele desse assunto de fé e anjos de Deus. Mas o certo é que essa esperança é o que está mantendo nosso filho vivo. Ele, apesar de tudo o que passou, é uma criança alegre e disposta a vencer esse problema. Por que deveríamos lhe tirar algo que está fazendo tão bem a ele?!

— É, você está certa querida! Mas vamos ficar atentos para descobrirmos quem anda pondo essas ideias de que ele vai voltar a andar através de um milagre. Ah! Se eu pego quem anda fazendo isso! – Diz o homem bastante exaltado.

Enquanto o casal discute o que é bom ou não para a recuperação do seu único filho (que, após um terrível acidente de automóvel, por pouco não perdeu a vida), o pequeno menino ficou dependendo de uma cadeira de rodas para se locomover. A sua recuperação é pouco provável, mas esse menino é o único que ainda acredita que voltará a andar. Mas isto só acontecerá se um milagre acontecer, pois os próprios médicos já descartaram essa possibilidade. Mas o pequeno Felipe acredita! Ele tem fé e continua afirmando que voltará a andar novamente.

## Capítulo X.

### O Convite

Naquela manhã de novembro fazia um belo dia de sol. Felipe, como de costume, havia acordado muito cedo, mas permanecia no andar superior da casa. Ele gostava muito de conversar com o mordomo da casa, o Jarbas, e os dois passavam horas batendo papo.

A conversa é interrompida quando Martina, uma das empregadas da casa, o vem chamar, avisando que o menino tem visita. Trata-se de Natacha, uma colega que há muito não o visitava. Ela é filha de Sr. Roger, um americano casado com a brasileira Sabrina. Roger é sócio do pai de Felipe em uma de suas empresas.

O menino logo desce. Ele é recebido com muita alegria pela simpática amiga Natacha. Os dois logo saem para o jardim da grande e luxuosa casa, onde podem conversar mais à vontade e passear entre as flores do jardim. Os dois ficam a observar os belos pássaros e borboletas, uma das coisas que os dois têm em comum é gostar da natureza. Eles se conhecem há mais de cinco anos, quando Natacha chegou ao Brasil com os pais, mas depois do acidente que deixou Felipe em uma cadeira de rodas, Natasha já não o visitava com tanta frequência. A menina ficou muito chocada com o acidente que quase tirou a vida do amigo.

Depois de contar a novidade a Felipe, ela também faz um convite ao amigo.

— Pois é Felipe, eu fui convidada para participar de uma peça de teatro para apresentar próximo ao Natal e gostaria muito que você fosse me ver em cena. É uma linda e emocionante história de Natal. E não se preocupe, pois eu sei que sua família costuma celebrar o natal em casa. Mas nossa apresentação será uma semana antes, para que todos possam participar antes das viagens e tal. O que você me diz? – Pergunta Natacha.

— Eu vou sim! Pode contar comigo, eu gosto muito de teatros – diz o menino sorrindo.

A menina fica feliz por Felipe aceitar o convite assim com tanta espontaneidade.

— Felipe, só mais uma coisa! – Exclama Natacha olhando serenamente nos olhos do menino.

— É verdade o que algumas pessoas falam por aí? Sobre ter vindo um anjo do céu e lhe protegido para que você não morresse entre as ferragens do carro?

O menino responde à pergunta da amiga com outra pergunta:

— O que você acha? Acredita que eu seria capaz de inventar uma história como essa?

— Não sei! – Diz ela. Eu não entendo nada dessas coisas de milagres e fé que as pessoas estão falando. Mas sei que tem muita gente que acredita no que você diz, e outras, que duvidam é claro, acham que o acidente afetou sua cabeça. Mas, sinceramente, eu acho que você não inventaria uma história como essa. É claro que é estranho. Isso é.

— Ah, obrigado por não duvidar de mim Natacha, pois para isso já basta meu pai, que até me proíbe de falar sobre o assunto com as pessoas.

Depois da conversa os dois entram e logo se despedem.

Natacha vai para casa com sua mãe, que a aguardava.

Naquela tarde Airton chega mais cedo do trabalho, ele tem um programa com a esposa Maristela. Eles vão a um jantar beneficente de uma ONG que a professora faz parte. Mas, ao passar pela sala de jogos onde seu filho Felipe estaria praticando tênis de mesa, o homem para no corredor, já que anda muito desconfiado de onde o pequeno Felipe tenha aprendido tanto sobre Deus, anjos e milagres. Finalmente, sua estratégia tem

êxito, pois ele escuta a conversa entre o menino e Jarbas, o mordomo.

O homem descobre então que o seu fiel e confiável mordomo, que até então era o empregado de confiança da casa. Jarbas é quem tem falado ao menino sobre Deus, anjos e milagres! E agora quem depende de um milagre para salvar o emprego é ele. Pois para seu patrão aquilo é inadmissível. Airton fica furioso e perde o controle, esmurrando a parede, mas se contém e se afasta rapidamente sem ser visto pelos dois.

O patrão age com cautela para não despertar suspeitas, pois ele sabe que seu filho é muito inteligente. O menino não pode nem sequer desconfiar que seu amigo Jarbas será despedido por lhe ensinar coisas que seu pai julga serem absurdas.

Foi assim que, dois dias mais tarde, discretamente, na calada da noite, o mordomo é convidado a arrumar seus pertences e deixar a casa. O homem não contava que seu filho fosse tão apegado assim ao amigo mordomo. Pois logo pela manhã o garotinho percebe a ausência de seu amigo Jarbas. Mas, ao perguntar pelo amigo, recebe a notícia de que o mordomo teve que fazer uma viagem de última hora para visitar a mãe que não passa bem.

Essas foram as instruções deixadas pelo patrão a todos os empregados da casa. Inclusive a esposa Maristela, ela também teve que confirmar a história.

Quando Maristela chega do trabalho naquela tarde, Felipe vai logo perguntar a mãe porque seu amigo não se despediu dele antes de partir, uma vez que essa não seria uma atitude de seu grande amigo Jarbas! Não do Jarbas que ele conhece! A mãe percebe que não será fácil esconder a verdade do menino por muito tempo. Mesmo achando errado o que o marido fez, ela não sabe o que fazer, pois Airton pensa estar fazendo o que é melhor para seu filho. E o mordomo não deveria falar de suas crenças e seu Deus para o menino. Pois não foi para isso que ele fora contratado. Mas ao mesmo tempo, a mulher tem que admitir que,

se não fosse Jarbas e as dóceis palavras de fé que ele havia transmitido ao pequeno Felipe, a situação do menino seria bem pior.

— Mamãe, eu estou achando essa história muito estranha, pois meu amigo Jarbas não viajaria sem falar comigo. Ele no mínimo teria se despedido antes! Você não está escondendo alguma coisa de mim?... Está mãezinha? – Pergunta Felipe desconfiado.

— Olha meu amor, o que posso lhe dizer é que Jarbas, seu amigão, teve que viajar! É só o que posso te dizer. Mas não se preocupe, logo ele estará de volta, é o que espero – afirma a mulher.

— Está bem mamãe, se você está falando! Mas que é estranho, ah isso é! – Exclama o menino se afastando em direção a seu quarto.

## Capítulo XI.

### É Natal! Qual Presente Você Quer?

Chegou o mês de Dezembro trazendo luzes, cores e alegria por toda a cidade, que nesta época recebe belas decorações para as festas Natalinas.

Aproveitando que o espírito natalino tem contagiado os sentimentos de todos, Ayrton vai naquela manhã de domingo acordar seu filho Felipe. Ele quer aproveitar para, quem sabe, reconquistar a confiança do menino, pois desde que despediu o mordomo da casa, o menino tem andado desconfiado, e muito triste.

— Olá! Bom dia! Bom dia! Meu querido filho! Acorde seu dorminhoco! Olha só que manhã linda de sol! – Diz o pai, acariciando os cabelos do menino.

— Ah! É você? Bom dia papai! – Responde o menino. – Responda-me uma coisa papai? O senhor sabe para onde foi meu amigo Jarbas?

— Hun! Ainda pensando nisso meu filho?! Bem! Segundo ele, teria que visitar algum familiar que estava com problemas, problemas de saúde eu acho. Mas esquece de Jarbas por enquanto! Logo que resolva seus problemas de família, ele voltará! A não ser que ele arranje algum trabalho melhor lá onde ele foi! Mas não se preocupe, está bem!

— Sim papai! – Concorda o menino.

— Ah! E tem outra coisa que quero lhe falar filho! Esqueça toda aquela conversa de milagres, Anjos e Jesus Cristo que Jarbas lhe falava. Isso não existe! Seu amigo só estava querendo lhe agradar contando algumas histórias bonitas para lhe alegrar – afirma o homem.

— Não papai! Isso não é só uma história bonita como outra qualquer! Eu acredito em milagres, Anjos e também acredito no



papai do céu! Pois foi ele quem me salvou! – Afirma veemente Felipe. Mas como é que o senhor sabe que Jarbas me falava desse assunto? O senhor não tem nada a ver com viagem de Jarbas, tem? .... Não vá me dizer, papai, que você mandou meu amigo embora por causa disso?

Depois de negar que tivesse despedido o mordomo, o homem puxa outra conversa tentando se desviar do assunto:

— Filhão, escuta só isso! Agora vamos falar de coisas boas! Como você sabe, está aproximando-se o Natal! E eu vim lhe dizer que o Papai Noel mandou lhe avisar que você pode escolher qualquer presente que queira ganhar! O que você quiser, é só dizer que ele vai trazer para você.

— Não papai! Muito obrigado, mas eu não vou pedir nada ao papai Noel neste Natal!

— O quê? Como assim filho? Não vai pedir nada? Estranha o pai.

— Não papai! Meu presente deste natal eu já pedi a outro papai! – Afirma a criança.

— Mas, mas! Como assim? Outro papai? Você não está me traindo hem! Moleque? – Brinca o homem e continua, pois, está curioso. Mas me diga aí? Que outro papai é esse que você arranjou?

— Ah! Meu pai, não se preocupe, eu não lhe troquei por outro papai não! Eu estou falando do papai do céu! – Diz o garotinho sorrindo, deixando o homem sem jeito e mais intrigado ainda.

Depois de recuperar-se da surpresa da resposta do filho, o homem tenta mais uma vez convencer o menino.

— Não filho, você não pode ficar sem o seu presente de Natal! Se não o Papai Noel vai ficar triste com você! – Insiste ele.

— Sabe o que me deixa triste meu pai? – Pergunta o pequeno Felipe.

— Não filho, eu não sabia que tinha algo lhe entristecendo! Mas, diga-me o que lhe entristece? – Diz o pai com curiosidade.

— O que mais me deixa triste é que o senhor meu pai, me proíbe de acreditar no Papai do céu, enquanto quer que eu acredite em Papai Noel. Com todo o respeito eu lhe peço que diga ao Papai Noel que o presente que ele traria para mim, ele que o dê ao primeiro menino de rua que ele encontrar, pois eu já vou ganhar o meu presente de Natal, e não será do Papai Noel.

— Ah! É filho? E eu posso saber que presente é este que você espera receber desse Papai do céu que você tanto fala? – Pergunta o homem.

— Ah! Meu pai! Eu sei que não devia lhe falar! Já que você não acredita no Papai do céu! Mas você não é o único que não consegue acreditar nele, pois muitos adultos também não acreditam. Eu, porém, creio nele meu pai! E por isso estou esperando que nesse Natal ele venha me visitar! E dessa cadeira de rodas irei levantar e voltarei a andar meu pai. Este será o presente que vou ganhar – diz o menino fazendo lágrimas brotarem nos olhos daquele pai que sempre foi um homem duro e incrédulo, autêntico ateu. Mas que naquele momento não consegue falar, pois parece ter engasgado ao ouvir a resposta de seu pequeno filho.

Sem conseguir responder a criança, o homem concorda com um gesto de cabeça, e afasta-se, em silêncio! Ele que nunca se embaraçava com coisa alguma nesta vida, um experiente empresário que sabia usar muito bem as palavras, agora não sabe o que responder a seu próprio filho.

Dias depois, Felipe vai assistir à peça de teatro sobre o Natal, a convite de sua amiga Natacha. A menina fica muito feliz e vem cumprimentá-lo. Agora, a uma semana do Natal, os preparativos na cidade estão intensos com muitas apresentações nas escolas e praças. Na casa de Felipe os preparativos também estão a mil. A família do menino vai receber alguns parentes e amigos de outras cidades, e até do exterior. Por isso a

movimentação é grande. Mas uma preocupação vem perturbando os pais de Felipe. Pois o menino continua com a firme convicção de que o próprio Jesus Cristo virá visitá-lo nesse Natal! E seu presente será o de deixar para sempre aquela cadeira de rodas e voltar a andar!

O empresário Airton de Mello, um homem ateu que só acredita no que seu dinheiro possa comprar, tentou de todas as formas possíveis tirar esses pensamentos da cabeça de seu filho Felipe, o menino que aos oito anos de idade sofreu um acidente de carro com o pai que o transformou em um cadeirante.

O homem usou de toda a sua influência e riqueza para fazer com que seu filho voltasse a andar novamente. Mas, sem êxito, perdeu completamente as esperanças de que isso pudesse acontecer algum dia.

Mas o pequeno menino acredita com todas as suas forças que vai acontecer um milagre em sua vida. E que voltará a andar. O pai até despediu o mordomo da casa, um homem chamado Jarbas e muito amigo do menino que, ao ver o sofrimento do garotinho, começou a lhe falar sobre milagres bíblicos e lhe dar esperanças para amenizar um pouco o sofrimento.

O menino já afirmava que no dia do acidente só sobreviveu porque Deus enviará um anjo do céu que protegeu sua vida. Muito fiel a Deus, o mordomo de certa forma incentivou o pequeno a crer e ter esperanças que agora poderiam ser frustradas, caso no dia de Natal não viesse a acontecer esse tão esperado milagre. Esse menino poderia ficar muito desapontado e numa situação ainda pior.

## Capítulo XII.

### De Onde Vem o Milagre?

São tantos os questionamentos e perguntas: De onde vem o milagre? Quem opera o milagre? Quem merece um milagre? Por que acontece com algumas pessoas, e com outras não? O que é necessário fazer para que um milagre aconteça na vida de alguém?

Ah! Então você quer a receita né? Sinto desapontá-lo! Mas não existe uma receita. E quem disser que existe é o maior mentiroso de todos os tempos! Eu sei que no momento não sou a pessoa mais indicada para lhes falar sobre isso, já que estou brigado com Deus. Se me perguntares “por que eu briguei com o criador?”, o que posso lhes dizer é que eu tive os meus motivos. Mas não recomendo a ninguém fazer isso! O preço a se pagar é caro demais para qualquer ser humano que tentar viver longe de seu criador.

Mas o que se sabe é que o milagre é algo sobrenatural. E que só pode vir de um lugar: de Deus é claro! E que é realizado através da fé de alguém. Uma fé pura e genuína: Quando? Como? A quem? E por quê? Só o grande criador pode responder.

É Véspera de Natal, noite em que muitas pessoas estão à espera de um velhinho de barbas brancas e vestes vermelhas, conhecido por todos como Papai Noel.

E diz a lenda que o tal velhinho traz presentes às crianças que se comportaram bem durante o ano. Mas na casa da família Mello, além das crianças de amigos e parentes que vieram passar o Natal, também tem Felipe, o menino da cadeira de rodas.

Por incrível que pareça, ele não está esperando um presente do Papai Noel como tantas crianças do planeta. Não este ano. Ele resolveu pedir um presente que está além do alcance do Papai Noel, pois esse pequeno menino acredita em milagres! E está esperando uma visita muito especial nesse Natal. Ele acredita

que Jesus Cristo vem lhe trazer o maior presente de sua vida: fazê-lo andar novamente!

Mesmo com o esforço dos pais para lhe tirar da cabeça essa ideia, considerada por eles, e por muitos, absurda. O pequeno menino continua crendo que vai receber o milagre nesse Natal.

Eu, Aíriel, continuo no meu lugar de costume, numa marquise no centro da cidade onde um pouco antes recebi a visita de Sandra, a minha ex. cunhada. Ela queria que eu fosse passar o Natal em sua casa. É claro que eu não aceitei, pois, a minha briga com o senhor não acabou! E não sei se algum dia ela terá fim.

A cidade está em festas, movimentos, fogos e alaridos por todos os lados. Todos estão felizes comemorando o Natal. Porém, eu não tenho motivo algum para comemorar e isso já faz dez anos. Dez anos que perdi tudo na vida, quando Deus levou minha amada para o céu e me deixou aqui sozinho.

Agora, por volta de umas 23.00 horas, as pessoas começam a passar por aqui. Algumas que estavam em apresentações Natalinas e estão voltando para as suas casas para passar à meia noite com os seus.

Eu procuro me acomodar em meus jornais e papelões. É quando vejo quatro ou cinco jovens e adolescentes que se aproximam do lugar onde estou. Eles começam a rir e zombar de mim. Eu continuo deitado e em silêncio para ver no que tudo aquilo vai dar. É quando um deles tem a ideia de se aliviar! Quer dizer, fazer xixi naquele pobre mendigo. Eu penso comigo.... Ah! Não, de novo não! Aquilo não era a primeira vez que acontecia. Então o rapaz se aproxima e se prepara para disparar.... É quando um dos amigos o repreende:

— Pare já com isso cara! Você parece um moleque mal-educado! Esse pobre homem pode estar aí abandonado nessa triste situação, mas ele é um ser humano como todos os outros.

Os jovens discutem um pouco sobre o assunto. Uns concordam em espancar e sacanear um pouco o pobre mendigo, no caso eu, enquanto outros discordam da ideia. Eu continuo em silêncio e na torcida que o bom senso vença.

E como eu esperava, o bom senso venceu! E eu não seria regado à urina naquela noite de Natal. E, ainda antes de seguir seu caminho, um dos jovens pegou uma túnica que havia usado na peça teatral, pediu que eu ficasse em pé e, com educação e respeito, vestiu-a em mim e depois disse aos outros:

— Olhem como ficou bem nele! Assim não sentirá muito o frio nessa noite. Ah! E tenha um feliz natal moço! Esse é o nosso presente para você!

Depois os jovens seguiram rindo pelo seu caminho. E eu voltei a deitar-me agora um pouco mais aquecido com aquela veste que o rapaz havia me dado.

Quando o relógio da catedral bateu à meia-noite, teve início a queima de fogos por toda a cidade. Eram lindos, mas traziam para mim tristes recordações. Todos comemoravam alguma coisa. Mas alguns deles na verdade nem sabiam o que estavam comemorando.

Ah! Mas deixemo-los pra lá! Cada um com os seus problemas! Eu só queria que passasse logo essa fria noite de Natal, para que quando amanhecesse eu pudesse sair e arranjar alguma coisa para comer. As pessoas têm mania de exagerar quando preparam as suas ceias, e muita comida vai fora. É um grande desperdício! Ainda bem que sempre tem algum pobre coitado que cata o que eles põem fora.

Mas, enquanto tento pegar no sono e ignorar todo esse barulho de fogos e música pela cidade, na mansão da família Mello todos trocam os caros e finos presentes de Natal. Menos, é claro, o pequeno Felipe, o filho único do casal. O menino está na sacada da grande casa, e olha para o céu! Ele não está admirando os fogos, não! Nem está esperando pelo Papai Noel. Ele está à

espera de seu presente sim! Mas aquele que vai fazê-lo andar novamente.

O tempo passa e nada acontece! Vem à madrugada, e o papai do céu, como ele fala, “ainda não apareceu com seu presente”. Seus pais, preocupados com a criança, mas não querendo contrariá-lo e também para não haver algo que possa chamar muita a atenção de seus convidados, já que a casa está cheia, tentam mudar o assunto. Eles não querem que todos saibam que o filho está esperando um presente do céu: o que vão pensar os seus convidados?!

Airton, o pai de Felipe, pede a uma das empregadas da casa para convidar o menino a descer até o jardim, para tentar distraí-lo um pouco. E quem sabe se o menino se convença de que o que ele espera não irá acontecer.

Depois de muita festa o pessoal que ali se encontra vai aos poucos se retirando para seus aposentos, outros, para suas casas. Enfim a festa termina.

Maristela vem conversar com o filho, e ver se ele não quer ir dormir um pouco, e aguardar sua visita especial pela manhã. Mas, percebendo que Felipe continua ali, firme em sua posição, ele não parece nem um pouco abatido ou desanimado, e como sempre, está alegre e sorridente.

Então, vendo que não tem nada que possa fazer antes de lhe dar um beijo de boa-noite, a mãe abre uma caixinha de presente...

— Olha só filho, eu sei que você não quer presente de Natal! Então resolvi lhe trazer apenas uma lembrança especial. É que encomendei especialmente para você! – Diz a mulher apresentando uma linda medalha em ouro e prata com a escrita em relevo “Para o meu grande herói”. E as iniciais F. M. Ela a coloca no pescoço do menino e, depois de beijá-lo, vai se deitar.

Logo vem o pai. Ele é mais durão e sempre exigiu mais do filho. O homem se aproxima com a cara fechada e o menino já

fica esperando pela bronca. Mas ele está decidido e não vai desistir de sua espera.

— Olá, filho! Você tem certeza que quer continuar com essa ideia absurda?

— Você sabe que eu não vou desistir meu pai! E te peço que me deixe ficar aqui! Quando eu não aguentar, prometo que vou dormir.

— Está certo filho! Eu não concordo com certas coisas, mas não posso lhe tirar essa sua esperança. Boa-Noite filho! Martina ficará fazendo-lhe companhia.

Antes de sair o homem chama a empregada de lado e faz recomendações a ela.

As horas passam e Martina, cansada e sonolenta, não resiste, e toscaneja. É o tempo suficiente para que menino vá até um móvel ali próximo – ele toma o controle do portão principal da casa.

Depois de ficar muito próximo à saída ele pensa: “Vou deixar o portão só um pouco aberto, o suficiente para ele entrar. Pode ser que esteja procurando por minha casa”.

O pequeno menino não tira os olhos do portão! Mas o sono é tanto que ele mal consegue manter os seus olhos abertos. Entre uma e outra cochilada, ele vê com grande surpresa e alegria! Aquele homem de vestes brancas, com barbas e cabelos crescidos.... É ele! Eu não tenho dúvidas! É o meu amigo Jesus! Eu sabia! Eu sabia que você ia honrar a minha fé! Agora, meu senhor, ordene que eu levante-me dessa cadeira de rodas, e vá ao seu encontro! Pois quero lhe dar um abraço gostoso!

O homem de branco fica olhando fixamente para o pequeno Felipe. Ele parece surpreso e admirado com tamanha fé demonstrada por aquela criança. Então o homem abre os seus braços em direção ao menino e diz: “Se você acredita nisso! Então te levanta! E vem dar-me esse abraço!” Então o menino corresponde ao chamado e abre seus braços e lentamente vai se



levantando de sua cadeira de rodas. Com passos meio bambos e trêmulos, ele vai ao encontro de seu benfeitor!

Abraçando-o gostosamente o menino chora muito e uma luz esverdeada enche o jardim, onde os dois permaneceram abraçados por algum tempo. O menino soluça: ele chora e sorri de felicidade. Um milagre está acontecendo em sua vida. Ele está em pé! Ele voltou a andar! Quando finalmente o homem o solta do abraço, o menino percebe lágrimas que molham o rosto de seu Jesus.

— Você, você está chorando! Eu fiz alguma coisa errada?  
– Pergunta o menino.

— Não filho, você não fez nada de errado! A sua fé é admirável! Agora me solte, pois preciso ir – diz o homem de branco.

— Mas já? Está tão bom ficar perto de ti! Fica mais um pouco comigo!

Mas o homem vai soltando de suas mãos calmamente enquanto se afasta do menino que lhe segura uma das mãos pedindo que aguarde só mais um pouquinho, pois quer lhe dar mais um abraço antes da partida.

Alguns segundos depois o menino dá uma balançada de cabeça e percebe que havia cochilado. O portão está fechado! O controle está ali no chão. Teria caído de sua mão enquanto cochilava? Tudo aquilo teria sido apenas um sonho? Felipe não acredita nisso! O seu amigo Jesus o havia visitado naquela manhã, e o milagre realmente aconteceu como ele sempre esperou.

O menino, acreditando nisso, começa a tentar ficar em pé enquanto a empregada Martina, ao perceber que havia dormido, levanta-se e sai correndo em direção ao jardim! Ao dar de cara com o menino se levantado da cadeira de rodas a mulher desmaia. Ela sabia que aquilo era algo sobrenatural e não resistiu.

Aos poucos Felipe vai firmando seus pés e articulações. Ele logo entra corredor adentro! O menino grita pelos pais, enquanto cambaleia no corredor da grade casa. Pois há dois anos que não andava com suas próprias pernas. A emoção é tanta que ele não para de gritar: “Mamãe! Papai! Aconteceu! Aconteceu! Eu estou andando! Eu estou andando!” Ele é seguido por Martina, que se recobrou do desmaio. Ela está atônita diante do acontecimento.

Logo a mãe do menino saiu ao corredor assustada diante da gritaria de Felipe. Ela é seguida do marido que, de igual modo, está apavorado. Terá acontecido alguma coisa com o menino: caiu na escada ou algo do tipo?

Ao ver o filho, que anda em sua direção, Maristela não resiste e, tal como Martina, ela desmaia de emoção. Enquanto o menino continua:

— Papai! Veja! Veja! O milagre aconteceu! Eu estou andando! – Exclama o menino com grande alegria.

O pai, ao ver que realmente seu filhinho está andando, cai de joelhos ao chão e, debruçando-se sobre seu rosto, chora de soluçar, enquanto Felipe é abraçado pela mãe, que não sabe se ri ou chora de felicidade.

Airton de Mello, aquele rico empresário arrogante e avarento. Aquele que sempre pôs o seu dinheiro acima de tudo, e sempre negou as coisas da fé, agora de rosto no pó, pede perdão ao Deus todo poderoso. Pelo modo que ele Sempre viveu. Pois aquele Deus que ele sempre negou a existência, acabara de levantar seu filho daquela cadeira de rodas. E isso era real! Não tinha como negar, depois de ser desenganado pela medicina. O menino estava andando novamente! E isso só mesmo por um milagre poderia acontecer. Um milagre que não ficaria só nisso! Mudaria completamente a vida daquela família! E de muitas pessoas que presenciaram aquele grande acontecimento. O Natal foi celebrado com grande alegria, e júbilo como nunca havia sido antes naquela casa, e todos se alegraram.

## Capítulo XIII.

### A visão.

Aquela noite de Natal havia sido muito agitada para mim – cheia de surpresas e acontecimentos inexplicáveis. Eu me sentia fraco, meu corpo todo tremia. Arranjei alimentos, mas não conseguia me alimentar. O dia estava lindo! Como há muito eu não via! O astro rei brilha iluminando aquela manhã. Crianças nas ruas e praças da cidade, elas exibiam seus presentes e brincavam felizes. Há muito tempo eu não percebia o mundo, a vida a minha volta.

Eu me dei conta de que a minha vida precisava mudar! Eu tinha a necessidade de voltar a viver. Não só por mim, mas pela minha querida filha, a Ester. Eu era pai, um pai ausente, ausente por dez anos dessa vida! Isso é tempo demais! Aquilo tinha que parar. Mas, como? Eu não sabia! Não tinha a menor ideia de como retomar a vida. Não seria tarde demais para mim? Eu ainda teria alguma chance depois de ter brigado com o Criador? Será que ele também tinha brigado comigo? Ou o briguento era apenas eu contra mim mesmo? É, acho que ele não brigou comigo não! Senão teria me massacrado! Se bem que por muito tempo me senti assim, massacrado! Moído. Eu não sei se terei o seu perdão depois de tudo! Mas eu tinha que tentar.... Afinal, tenho que cumprir minha missão nessa terra! Provar todos os sentimentos de um ser humano. E isso já deve de estar quase terminado! Pois já suporrei de tudo nessa vida. Se ainda falta alguma coisa para se cumprir? Deve ser muito pouco! Eu espero conseguir suportar.

Eu estava perdido com os meus pensamentos como sempre, quando Sandra se aproximou.

— Ei! Airiel! Você está bem? Parece em transe? Ou está sonhando acordado? – Ela sorri.

— Ah! É você Sandra? Eu estou bem sim, muito bem! E estava realmente pensando quando você ia aparecer. É que eu queria muito ver minha estrelinha! Se você permitir?

— É claro que sim Airiel! Você sabe que pode vê-la quando quiser. Mas, diga-me uma coisa? O que aconteceu? Você está muito diferente! Sei lá! Eu não sei o que é, mas.... Bem! Deixa pra lá! Eu lhe trouxe alguns alimentos aqui.

— Eu lhe agradeço Sandra! Obrigado por seu apoio, você sempre foi uma grande amiga, uma verdadeira irmã! E nunca desistiu de mim.

— É claro Airiel, eu sei que você sempre foi um bom homem. E minha irmã te amava demais. E mesmo depois que ela se foi eu entendi todo seu sofrimento. Mas só o que não aceito é você dizer que está brigado com Deus! Isso eu nunca aceitei, mas compreendo a sua dor. E pode sempre contar comigo! Eu sei que, em meio a essa grande dor da perda de nossa querida Elisabeth, Deus deixou algo muito especial para nós! A Ester, ela é uma verdadeira luz em nossas vidas.

— É, eu sei disso Sandra! E é por ela que eu preciso mudar esse meu modo de viver. Eu não quero que ela se envergonhe de mim! Mesmo sabendo que ela é uma boa garota, não vai gostar de saber que tem um pai assim como eu, que...

— Não se preocupe Airiel! Ester é uma ótima menina, ela não olha as pessoas pela aparência ou pelo que elas têm. Nossa menina é uma pessoa muito especial, e pode ver o íntimo da cada ser. O caráter da cada pessoa! Às vezes eu fico olhando para ela, e me pergunto de onde saiu tanta bondade e compreensão que ela expressa por todos.

— É... Eu sei! Tenho muito orgulho de minha filha! Você a educou muito bem. Sua irmã teria muito orgulho!

Depois disso, eu pedi a Sandra que guardasse para mim algo que lhe entreguei, ela devia guardar no velho baú de relíquias. Era um pequeno bauzinho que pertenceu a Elisabeth, e que eu sabia que Ester o guardava com carinho. Antes de nos

despedirmos, fiz algumas reconduções sobre minha pequena com a promessa de um dia em breve voltar, pois precisava pôr minha vida em ordem antes de voltar para a minha filha. E foi a última vez que vi Sandra naquele ano.

Andei pela cidade naquele dia de Natal, era como uma despedida, pois de alguma maneira eu sabia que passaria um bom tempo fora.

Quando a noite chegou eu voltei aonde tudo começou. Há dez anos, no mesmo lugar onde eu com o meu coração despedaçado de dor eu desafiei a Deus, chamei-o para a briga. Pois ele havia tirado tudo o que eu tinha nessa vida! Eu não o desafiava para brigar com ele como fez Jacó. Mas sim para ver se ele se irritava comigo e me matava também. Assim eu poderia partir com a minha amada Elizabeth.

Naquele dia, depois de pedir, de implorar por um milagre que não aconteceu! Pedi que ele, Deus, não deixasse minha amada morrer. Quando não aconteceu esse milagre eu perdi a razão! Fiquei louco, louco de dor e enraivecido com tanta violência desse mundo. Eu culpava o Senhor Deus por tudo.

Mas hoje Deus, dez anos depois, eu volto ao mesmo lugar onde eu falei coisas que não devia. Eu errei e peço o teu perdão. Perdão por não compreender os seus planos e projetos para a minha passagem nessa terra. Eu pensava que eu estava certo! E não entendi que os pensamentos dos homens não são os seus pensamentos. Se o senhor me dá o seu perdão, dá-me um sinal nessa noite e mostra-me um lugar onde eu possa recomeçar minha vida e dar continuidade aos dias que ainda me restam nessa terra.

Eu clamava ao criador naquele lugar chamado de “Sétimo Céu”, um lugar alto que se destacava na cidade. À noite se tinha a impressão de se estar mais perto do céu, por isso lhe chamam por esse nome.

Fiquei por algum tempo conversando com o criador, pois havia muitas coisas a se pôr em ordem. Eu até perdi a noção de

tempo. Acho que já era madrugada quando, numa visão, eu vi um portal que se abriu diante de mim, e era como um espelho d'água! Mas com uma luz esverdeada que clareava por quarteirões. Do outro lado, estava um homem de vestes alvas como neve, o qual eu acreditei se tratar de Jesus. Ele me olha com tanta ternura e compaixão que dá até para sentir seu amor e seu carinho. Eu não resisto em pé! Os meus joelhos perdem as forças. Então eu caio de joelhos diante de tanta glória e beleza. Era a resposta que eu esperava, ele havia me perdoado. Mas então ele aponta em uma direção. Vejo ao longe alguém que vem se aproximando, então reconheço de quem se trata: era minha linda Elizabeth. Ela me acena sorrindo! Ela estava muito bem. O lugar era lindo eu entendi que ela queria que eu continuasse e vivesse feliz porque no dia e hora determinados eu iria reencontrá-la.

Aquilo me encheu de felicidade e esperança por saber que minha amada estava bem. Em seguida ela se despede e, assim como veio, vai-se. O homem de branco me mostra agora a cidade e a casa de Sandra, e lá estava Ester. Eu entendi o que ele queria me dizer. Imediatamente passou pela minha mente “para onde eu vou agora? Preciso reconstruir minha vida para depois cuidar de Ester”.

Novamente o homem a quem eu acho se tratar de Jesus me aponta em outra direção, e então vejo grandes fendas na terra: Cânions enormes e um alto monte. O monte estava coberto por nuvens brancas. Eu entendi também que ali eu deveria recomeçar minha vida. Mas não sabia que lugar era aquele. Mas, antes que eu pudesse perguntar, o portal se fechou.

Entendi que aquilo eu teria que descobrir sozinho! Mas tudo bem, eu acho que posso fazer isso. Depois que amanheceu o dia, e após tomar um bom banho, que por sinal eu estava precisando, fui até o barbeiro e dei um bom trato na aparência, barba e cabelo. E bota cabelo nisso! Depois de pegar um jornal, fui tomar um café em um restaurante onde também pude pesquisar na internet onde se localizava o monte de minha visão, e não foi difícil encontrá-lo. Eu precisava ir para lá imediatamente.

O tal monte de minha visão ficava na serra gaúcha. “Mas, antes de partir, preciso ver minha filha Ester mais uma vez, pois não sei por quanto tempo ficarei fora” – pensei.

Depois de ver a minha estrelinha por um bom tempo, observando de longe é claro, pois ainda não havia chegado o momento de me apresentar como seu pai, o pai que a abandonou há dez anos atrás e desapareceu no mundo.

É claro que tive os meus motivos, motivos que talvez vocês não concordem, mas tudo bem. Eu a deixei aos cuidados de minha cunhada Sandra, que cuidou e educou muito bem minha filha. Sandra sempre disse a ela que algum dia eu voltaria para ela. Só não sabia quando. Ela é a cara de sua mãe, a mulher que amei e que um dia o destino roubou de mim.

Sei que quem não viveu o que eu vivi, não entenderia as minhas atitudes. Mas eu tenho uma missão nessa terra e é importante que eu a viva por completa, ou não a terei cumprido.

## Capítulo XIV.

### Ela A Bela, Eu A Fera.

Agora posso partir com certa tranquilidade! Então, depois de trocar meu velho carro... – Vocês se lembram dele? Sim, aquele mesmo do início dessa história. Meu velho Logus que estava bem guardado em um galpão. Sei que não vale muito, pois agora está mais velho ainda! Mas como não posso seguir viagem com ele, vou trocá-lo. Então segui viagem rumo ao monte de minha visão. Depois de pesquisar, descobri que se trata do “Pico do Monte Negro”. Se por coincidência, ou não isso eu não sei? Mas pegarei a mesma BR. do início, a 285. O lugar fica a umas quatro horas de viagem daqui, se tudo correr bem.

Eu fico me perguntando o que encontrarei lá? Na minha visão, ali seria a terra do recomeço da minha vida, veremos. O lugar fica em São José dos Ausentes RS. Eu não conheço nada por lá! Sei que é um ponto turístico e ouvi dizer que no inverno faz muito frio! O que sei é que existem muitas pousadas para aquelas bandas! Não vou me antecipar e escolher alguma, vou apenas seguir minha intuição de deixar que aconteça, e o que tem que ser será. E também porque devo me instalar o mais próximo possível do tal Pico do Monte Negro.

Exatamente como pensei: depois de umas quatro horas de viagem, eu cheguei ao meu destino. Quer dizer, a cidadezinha de São José dos Ausentes! Mas correu tudo bem. Deu tudo certo na viagem e cá estamos Sr. Airiel. Vamos ver o que o criador tem reservado para mim nesse lugar? E agora, como faço para chegar ao tal lugar?

É, depois de andar um pouco pela pequena cidade, descobri que ainda estou longe do meu destino. Não tão longe assim, mas a uns quarenta e dois km. Então, sem perda de tempo, pego a estrada, que por sinal é de chão, mas bem conservada. Acredito que mais uma hora de viagem e estarei chegando.



Exatamente isso, depois de pouco mais de uma hora de viagem, finalmente eu cheguei. Como já é tarde, vou ver se consigo lugar nessa pousada. Informaram-me que é a mais próxima do “cânion e do Pico do Monte Negro”, que é onde preciso ir.

Depois de uma semana esperando que alguma coisa acontecesse, eu já começava a pensar que não tinha entendido muito bem a minha visão. Apesar de o lugar ser muito bonito e sossegado, eu não via como aquele lugar teria alguma coisa a ver com o meu recomeço de vida. Todos os dias chegavam turistas de várias partes do país e alguns até do estrangeiro. Algumas vezes eu saio com os grupos para fazer trilhas e visitar lugares muito interessantes. Outras vezes preferia ficar na fazenda e pensar na vida.

Eu tinha certeza! Aquele monte chamado “Pico do Monte Negro” Era o mesmo de minha visão, o mais alto do estado do RS. Com cerca de 1.400 metros acima do nível do mar. E até mesmo as nuvens eu vi. Era a neblina dos cânions; tudo estava certo! Por que nada acontecia? Bem! Vou esperar até amanhã, mas se nada acontecer, vou embora desse lugar.

Desde que cheguei a este lugar, percebi que havia voltado minhas inspirações. Eu estou escrevendo muito. Só não escrevo mais por estar ansioso e na expectativa do que vai acontecer aqui sobre aquela visão que tive com este lugar. “Seria esse o recomeço? Mas mesmo assim vou-me embora amanhã, pois se escrevo aqui, posso escrever em qualquer outro lugar...”. Se bem que ainda estou muito confuso e não escrevo mais há dez anos, e nem sei se ainda quero continuar a escrever.

Naquela tarde, como de costume, muitos foram embora da pousada e outros chegaram. Entre os quais, uma pequena equipe de TV. A movimentação no lugar estava bem maior do que nos dias anteriores. E aquilo para mim que sempre gostei da tranquilidade, era mais do que um convite a me retirar dali.

Já estava decidido, após o jantar eu acertaria as contas e sairia pela manhã bem cedo. Como sempre o jantar foi servido, o restaurante era num galpão, em estilo bem campeiro como diz o gaúcho. Eu estava em uma mesa bem próximo a uma janela de onde podia observar a paisagem noturna e as estrelas. Estava pensando para onde eu seguiria na manhã seguinte. Continuaría a ser um andarilho? Estava difícil me adaptar à nova vida. Eu que sempre me adaptei com muita facilidade a qualquer lugar! Eu viajava em pensamentos tentando encontrar um lugar onde me sentisse bem e pudesse continuar a minha árdua missão de um autêntico ser humano. E se eu tiver que continuar a escrever... – fui interrompido:

— Olá moço! Tudo bem? – Fui interrompido por uma voz suave de mulher.

— Ah! Tudo! Tudo bem sim! Só estava viajando, às vezes me desligo um pouco desse planeta sabe como é! ...

— Ah, me desculpe se eu interrompi sua viagem! – Brinca a bela mulher, que continua a conversa:

— Tudo bem, eu me chamo Maria Rosa!

— Maria Rosa? Seja bem-vinda aos cafundós!

— Mas se não gosta do lugar, porque está aqui moço? .... Não me disse seu nome...

— É, eu não disse mesmo! Chamo-me Airiel, a seu dispor.

— Airiel?! Bem que eu achei que lhe conhecia de algum lugar! – Diz a mulher mostrando grande admiração.

— Ah! Como me conhece? Desculpe-me, mas não me lembro da senhorita! Estou tão surpreso porque faz muito tempo que estou fora.

— Bem! Quero dizer conhecê-lo. Conhecê-lo não! Nunca o vi pessoalmente! Mas sei que é escritor! Li seu livro de poesias.

— Ah, então você leu é? Pois é, muitos não gostaram, dizem ser muito simples! Apenas versos rimados. E eu concordo,

pois essa era exatamente a minha intenção: simples versos rimados. Para que todos pudessem entender, ou seja: queria falar tanto a adultos, quanto a crianças.

— É, se essa foi a sua intenção, acertou em cheio! É uma ótima obra. Eu gostei muito. Parabéns, senhor Airiel, sou sua fã! – Diz ela com um belo sorriso no rosto.

— Eu lhe agradeço! Mas, estou curioso! Se é que posso perguntar: o que faz nesses cafundós? Estás em férias? Atrevo-me a perguntar a ela, que por sinal é uma belíssima mulher negra de uns vinte e cinco anos de idade, desinibida, boa conversa e muito atraente. Alguém a quem se poderia chamar de “Uma Linda Mulher”.

Eu sei que estava sendo meio atrevido, mas foi ela que puxou conversa. Caso não quisesse continuar, ela se afastaria. Mas ela só deu um leve sorriso. Linda boca de lábios grossos, (carnudos) dentes perfeitos e então me respondeu:

— Em primeiro lugar, gostaria que não fosse injusto, ao chamar esse belo lugar de cafundós, pois se trata de um belo ponto turístico do estado. E respondendo a sua pergunta: não estou em férias! Bem pelo contrário: estou aqui a trabalho. Eu sou jornalista e estou com minha equipe fazendo uma matéria sobre “Os Cânions! O Pico do Monte Negro e outros pontos turísticos da região”. Como vê, foi o que você chama de cafundó que me trouxe para cá – diz a mulher.

— Eu peço que me desculpe! Eu perdi o gosto pela beleza das coisas há algum tempo, e ainda estou me recuperando. O lugar, como disse, é muito bonito sim, não tanto quanto a senhorita! Mas é um belo lugar sem dúvida. Ao ouvir isso, ela me olha diretamente nos olhos por alguns segundos antes de continuar...

— Hum! Obrigada, mas não acabou de dizer que havia perdido o gosto pelas belezas desse mundo?

— Ah! Sim, é verdade! Digamos que já há mais de dez anos que meus olhos não viam uma beleza assim tão perfeita. –

Eu não sei o que deu em mim para ficar galanteando a jovem mulher, mas enfim foi o que fiz, não sei onde vai dar, mas vou deixar rolar mais um pouco.

— Hun! Vejo que é bem ousado senhor Airiel. Mas, diga-me uma coisa: você é sempre assim? Vai logo falando o que pensa?

— É, pode ser que sim ou, então porque estive muito tempo fora e por isso sinto-me meio nervoso diante de uma mulher tão bela. Mas se eu a estiver perturbando...

— Não! De forma alguma! E se eu estivesse me sentindo de alguma forma incomodada, já teria me retirado, você pode ter certeza.

— Hum! Gosto de pessoas francas. A conversa está boa, mas pretendo partir nas primeiras horas da manhã! E se me der licença? Vou me retirar. Então longos segundos de total silêncio com aqueles belos olhos negros tentando ler a minha alma.... Até que ela quebra o silêncio:

— Mas é claro que sim senhor Airiel! Mas, antes que se vá, se não for pedir demais, poderia matar a curiosidade de uma fã?

— Hum! A curiosidade é da fã, ou da jornalista?

— Na verdade, é de fã mesmo! Como diz aquele poema que eu acho muito lindo “viajo nas dobras do tempo”... Você fala com tanta convicção é como se acreditasse no que diz? ...

— Para um poeta inspirado tudo é possível! Ou quase tudo! Eu acredito que sim.

Ela fica me olhando com ar desconfiado, acho que está imaginando esse cara é doido! Mas então eu a elogio, para que se sinta mais à vontade:

— Fico feliz em saber que meus poemas foram lidos por alguém tão importante! Por acaso você se lembra de todo ele?

— Acho que sim! – Responde ela, passando a recitá-lo:

“Sou um poeta vivendo  
A essência da poesia.  
Posso parar a guerra  
Entoando uma melodia.  
Viajo nas dobras do tempo.  
Conhecendo o mais além.  
Ultrapassando limites...  
Sem perguntar a ninguém.  
Posso morar no espaço,  
Ser vizinho das estrelas.  
Tenho amantes espaciais  
A Lua não foi a primeira.  
Trocamos juras de amor  
De mãos dadas pelo céu:  
Promessas de amar para sempre  
– Eterna lua de mel”.

## Capítulo XV.

### O Céu, As Estrelas! E Doze Horas de Amor.

— Hum! Muito bem! Vejo que você leu mesmo o meu livro! Meus parabéns! Você tem ótima memória! Nem eu mesmo me lembraria sem olhar no livro. É você tem razão, esse poema é muito lindo.

— E agora, se já matei a sua curiosidade, eu preciso ir! Com sua licença? E tenha uma boa noite, senhorita.

Depois de me despedir da bela Maria Rosa no restaurante da pousada, dirigi-me para meu chalé, onde tentei pegar no sono, pois queria estar bem descansado pela manhã, para partir logo cedo. Mas novamente os pensamentos chegaram e espantaram o meu sono. Aquela visão que eu tive na cidade de Passo Fundo antes de partir, me voltava à memória a todo instante! Mas o que queria dizer? Eu havia feito a minha parte, eu obedeci, eu vim até aqui. Mas nada havia acontecido até aquela noite, a não ser de me voltar a inspiração para escrever novamente. Ah! .... Também conheci aquela bela jornalista, será que...não! Isso é coisa da minha cabeça! Mas então, o que Ele ainda quer comigo afinal, para me trazer a este lugar estranho?

O criador havia me prometido um recomeço, um recomeço de vida, mas até agora nada! E eu não podia mais continuar ali esperando. Afinal, eu fiquei por muito tempo chorando a perda de minha querida Elisabeth. Ela sempre foi e continuará sendo a coisa mais importante que aconteceu comigo nessa terra. Mas, na minha visão, eu entendi que ela estava bem, e ficaria feliz se eu reagisse e tentasse recomeçar. Pois a vida precisa continuar. Continuar por mim e por Ester, fruto do nosso amor, e também porque a minha missão nessa terra ainda não acabou.

Quando amanheceu eu me preparava para deixar para trás a pousada, o Cânion, o Pico do Monte Negro e tudo mais. Até mesmo a bela jornalista Maria Rosa que, por várias vezes veio

perturbar o meu sono na noite passada, eu confesso a vocês que pensei nela uma ou duas vezes durante a noite, mas.... Está bem, está bem, eu confesso! Foram umas..., muitas vezes! Ah! Mas também vocês têm que admitir: eu estava carente há muito tempo. Mas agora já chega! Eu preciso partir antes que aconteça alguma coisa por aqui para me impedir.

Embarquei em meu carro e já ia me retirando, mas antes mesmo que eu cruzasse a porteira da fazenda, alguém fazia sinal para que eu parasse: era ela! Aquela doida da jornalista. O que ela queria agora? Uma entrevista? Mais de suas perguntas sobre meus poemas? Eu não fazia a menor ideia do que aquela maluca poderia querer comigo. Então ela anda em minha direção e se aproxima, abre a porta do meu carro, entra sem nada dizer. Já deu para perceber que é uma mulher muito misteriosa, ah! Mas comigo não bonita! Ela ia ter que me explicar direitinho o que estava querendo.

— E então? O que eu fiz agora? Só porque chamei o seu lugar favorito de cafundó você resolveu-me dar mais uma bronca é?

— O quê? Ninguém quer lhe dar bronca seu bobão! Você vai para a cidade, não vai?

— Sim, vou passar por lá! Mas o que tem isso?

— O que tem? Há sim! O que tem isso? Bem, o que tem? É que eu ia mesmo lhe pedir uma carona até lá! Só que você saiu cedo demais, então tive que correr atrás! É foi isso! Ou melhor, é isso. Mas se você não quer? Posso descer agora mesmo.

— Hun! Que história mais mirabolante essa sua hein! Se você quer carona até São José tudo bem! Mas se não for isso? Saiba senhora jornalista, que eu não dou entrevistas.

— Hã! O quê? Está mesmo pensando que eu fiz isso para descolar uma entrevista com o senhor escritor? Há! Tem dó! Você nem é tão famoso assim! Ou melhor, você não é nada famoso. Nem sei se alguém além de mim já leu algum de seus livros! E depois, eu já tenho minha matéria e só estou aqui, senhor Airiel, porque desde que lhe vi ontem à noite não parei de pensar em você! E como o senhor já ia fugindo como deve ser acostumado a fazer quando se

sente atraído por alguém, eu tive que largar tudo e vir atrás do único homem que mexeu de verdade comigo até hoje. Mas, se eu estiver enganada, pode continuar sua viagem.

— Caramba! Você é sempre assim mulher?

— Não! Nem sempre! Só quando não quero perder alguém que de alguma forma inexplicável eu sinto que é muito importante para mim.

— Mas como assim importante? A gente nem se conhece! Vimo-nos ontem pela primeira vez!

— Por isso mesmo, Airiel! O primeiro sentimento é o verdadeiro e eu sei muito bem que eu encontrei o homem da minha vida! E não posso deixá-lo ir embora sem antes lhe dizer o que sinto.

— É muito doida! E se eu for casado?

— Você não é casado! E se fosse, eu seria a outra, com todo o prazer! Mas não lhe perderia de jeito nenhum!

— E se eu fosse fiel e não quisesse ter uma, outra como você diz?

— Então eu desceria desse veículo agora mesmo e lamentaria muito, por ter perdido aquele que é, sem dúvida nenhuma, o homem da minha vida.

— Como você pode ter certeza disso se mal nos conhecemos?!

— A gente sabe Airiel, a gente sempre sabe! Eu não sei se isso acontece com todas as mulheres! Mas eu sei que encontrei meu grande amor! Meu príncipe encantado. “Mas se você tem medo de entrar num relacionamento, pode seguir em frente e deixe-me aqui sozinha”.

— Você está muito enganada, Maria Rosa! Eu estou mais para plebeu do que para príncipe. Eu confesso que também pensei em ti durante a noite, e que muito pouco dormi. Mas daí até dizer que é uma atração ou algo assim! Eu não sei! E também, porque sou um homem muito complicado.



— Não acredito nisso! No momento você até pode estar um pouco confuso, mas você não é complicado, pois eu vi em seus olhos. Você só precisa de muito amor e carinho! O que eu posso lhe dar.

— Sabe de uma coisa, Maria Rosa? Já vivi muitas coisas nessa vida! Conheci várias mulheres, alguns relacionamentos, mas nunca fui abordado dessa maneira. Eu não sei se você faz sempre assim, ou se já fez isso antes? Mas eu estou confuso e, apesar de você ser uma bela mulher, eu não sei o que dizer! Na verdade, eu fui pego de surpresa e nem sei como agir. Não me leve a mal! Qualquer homem se sentiria lisonjeado, mas eu lhe confesso que fiquei sem ação.

— Tudo bem Airiel! Talvez eu tenha exagerado! Mas não pense você que eu sou uma mulher fácil, que fica correndo atrás de homens por aí! Não eu não sou assim! Mas eu senti que se lhe deixasse partir sem lhe falar dos meus sentimentos eu lhe perderia para sempre. E se isso acontecesse não me perdoaria nunca! Então não posso deixar que você parta sem sequer dar uma chance de pelo ao menos, nos conhecer melhor.

— Me *desculpe!* Eu não quis chamar-lhe de mulher fácil! O problema é comigo mesmo. Eu estou muito confuso no momento. Pois há dez anos que vivo só. Mas, como lhe disse, você merece alguém melhor do que eu!

— Isso sou eu que tenho que decidir e no momento acho que merecemos uma chance sim. Por que você não fica mais uma semana? Minha equipe e eu vamos subir o Pico do monte Negro para fazer uma matéria, nós iremos acampar por lá por uma noite ou duas. Se quiser pode nos acompanhar. Vai ser bom para suas inspirações. Quem sabe não nasce um novo livro dessa aventura?

— Está bem! Eu aceito seu convite! Irei acompanhá-la nessa aventura. Eu acho que tenho algo para resolver lá em cima também. Quando partiremos?

— Logo depois do almoço – diz ela com um lindo sorriso! Acho que está feliz por eu ter ficado.

Então eu fiz um longo silêncio, fiquei a meditar na minha visão e na promessa de um recomeço. Mas seria Maria Rosa, o meu recomeço? Que essa história estava bastante estranha, ah isso estava mesmo! Até parecia coisa do destino para quem acredita nisso. De repente aquela linda mulher atraente interessante, muito bem instruída e com aquele sentimento tão forte! Ela tinha absoluta certeza do que estava fazendo! Mas eu? Eu ainda estava em dúvida. E preferia acreditar que o grande criador lá em cima estava no comando. E se o que estava acontecendo ali era a confirmação da minha visão, então o que tinha que ser, seria.

Então a convidei para um café, pois se tem uma coisa que me atrai nessa vida, é poesia e um bom café! Se for na companhia de uma bela mulher como Maria Rosa, melhor ainda.

Foi então que, logo após o almoço, partimos com uma pequena caravana: a jornalista Maria Rosa com sua equipe de filmagem e eu, além de um guia, fomos em direção ao Pico do Monte Negro, que fica cerca de quatro a cinco quilômetros de distância da pousada onde estávamos.

O dia estava lindo. O astro rei brilha no céu azul, era uma bela tarde de verão. Quando chegamos ao local demos uma boa olhada ao redor até onde a vista alçasse. O lugar era maravilhoso uma bela paisagem, apesar do vento muito forte. Depois de tomarmos um fôlego e descansarmos um pouco da caminhada, afastamo-nos a uma boa distância e então armamos as barracas.

Maria Rosa continua seu trabalho aproveitando o tempo que ainda resta de sol. Eu também aproveito para andar um pouco e fazer algumas anotações na minha agenda para futuros escritos. O lugar é realmente inspirador. Aquela bela mulher tinha razão novamente, quando me disse que eu poderia ter ótimas ideias lá em cima. Mas eu na verdade tenho outro motivo ao qual não revelei a Maria Rosa. O verdadeiro motivo que me trouxe. Na verdade, eu até já estava desistindo, fugindo do meu destino, mas agora que estou aqui, percebo que ainda tem algo para acontecer nesse misterioso lugar. Mas o que será?

Quando chega a noite o lugar fica ainda mais misterioso, e de certa forma até atraente, pois dá a impressão de alcançar as estrelas com as nossas mãos que nessa linda noite bordam o céu. Parece até outro planeta. Mas apesar do verão a noite está um tanto fria. Deve ser por causa do vento forte que sopra neste lugar. O pessoal se reúne em volta de uma fogueira, tocam violão, cantam e se divertem. É uma ótima forma de passar o tempo, mas eu ainda não estou afim de muita agitação, então logo me retiro para a minha barraca e vou descansar e pensar na vida.

Não demorou muito para Maria Rosa aparecer. Ela estava preocupada com o meu silêncio.

— Olá, como está Airiel? Você parece não gostar muito de pessoas?

— Não são as pessoas, o problema é comigo mesmo! Depois de um tempo fora, como lhe disse antes, estou tentando me adaptar novamente à essa vida.

— É, você é um homem muito misterioso! E isso lhe deixa ainda mais atraente. Eu gosto muito de desvendar mistérios! Eu soube que estava desaparecido e há muito não se ouvia falar de ti, mas por onde andou todo esse tempo? Se é que pode revelar?

— Não é o momento de falarmos sobre isso! Se não se importa? – Enquanto ela falava comigo, aproximava-se cada vez mais e isso estava me deixando sem jeito, eu não sabia no que tudo aquilo ia dar.

Ela uma bela mulher, eu um homem que há muito estava só! E estava com medo do que poderia acontecer naquela noite. Mas parece que Maria Rosa fazia questão de me provocar: se aproxima mais e mais; eu podia sentir o seu seu perfume, hum! Seu cheiro gostoso. Eu continuei olhando em seus olhos negros, enquanto ela aproximava de minha boca aqueles lindo lábios rosados. Como um lobo selvagem que fareja sua presa, eu podia sentir o seu cheiro, cheiro de paixão e desejo, cheiro de prazer. Se Maria Rosa estava tentando me provocar? Podem ter certeza que ela havia conseguido! Pois agora ela teria que enfrentar as consequências de seus atos.

Eu lutei muito, tentei não ceder, mas o desejo foi maior! Ela conseguiu despertar a fera que há em mim. Uma fera sedenta, uma fera que estava adormecida há dez anos. Uma fera louca por amor e prazer. Que me critique quem tem total controle de si! E que após tanto tempo de solidão e tristezas vem a ter em sua tenda solitária a tentação de uma belíssima e atraente mulher como Maria Rosa.

Ela aproxima lentamente seus lábios dos meus e beija-me suave e gostosamente. Aquele beijo foi o estopim que despertou um vulcão que há muito estava adormecido. Então o céu foi o limite! E as estrelas testemunha do que aconteceu naquele monte. A entrega ao amor e ao prazer foi total e sem reservas. Fogos, explosões cósmicas e paixão. Viajamos no espaço e nas estrelas. Foram doze horas de intensa paixão e prazer. E o Pico do Monte Negro foi iluminado naquela noite pela explosão de paixão e desejo do encontro daqueles dois amantes.

E aquela noite ficou marcada em nossas vidas e nunca mais esqueceremos aqueles momentos. Maria Rosa veio completar o que faltava em minha vida para continuar a minha missão nessa terra.

## Capítulo XVI.

### A Grande Surpresa.

Mas nem tudo é só amor, nem tudo é só paixão! A vida precisava seguir em frente e o tempo passou depressa. Já vai fazer cinco anos desde que deixei minha cidade para trás, e parti para um recomeço. E então reconstruí a minha vida como era o desejo de minha Elisabeth. Estou vivendo sem ela, mas a vida nunca será a mesma, pois eu jamais esquecerei o grande amor da minha vida.

Mas enquanto isso na cidade de Passo Fundo uma grande festa é preparada: é a festa de 15 anos de Ester. Tudo está muito bonito. Mas nem tudo é perfeito! Ester está feliz, mas estaria ainda mais se seu pai estivesse ali para dançar com ela a valsa de debutante. Sandra, a tia que a criou sabe disso. Ela conhece muito bem Ester, e sabe que ela não fala para não ser mal-agra-decida pelo esforço e dedicação por parte do seu tio e sua tia, que fazem de tudo para vê-la feliz.

Mas não dá para esconder esse sentimento. A tristeza está estampada em seus olhos. Mas como ela mesma diz: não se pode ter tudo, e devemos ser gratos pelo que temos. Chega o momento da festa, Ester está linda, uma verdadeira estrela. Muitos presentes abraços e amigos. Quando chega o momento da valsa, Ester começa a chorar! “Ela está muito emocionada” - comentam os que ali estão. Então seu tio a tira para a valsa e logo um amigo e outro dançam com Ester. Até que se aproxima certo homem e pede para dançar com a jovem! Prontamente o rapaz a entrega para o recém-chegado. Ester levanta os olhos e percebe que não é um de seus convidados. Enquanto a jovem procura sua tia Sandra com o olhar para ver se ela sabe de quem se trata. Então o homem a convida:

— Dança comigo, filha? A jovem quase desmaia!

— Pa-pai?! (Gagueja ela). É você mesmo? Meu pai! Você veio? Você chegou? – Ela volta a procurar sua tia com o olhar para ver se ela confirma que aquilo é real? Que aquele homem que está

ali em sua frente é realmente o seu pai desaparecido há 15 anos. Ao que sua tia confirma com um gesto de cabeça. Sim, é seu pai e está ali pronto para realizar seu maior sonho: dançar com ela a valsa de seus quinze anos.

A jovem então se lança ao pescoço do pai e o beija, beija muito enquanto chora de felicidade. Aquilo parece um sonho, um sonho que até pouco tempo parecia impossível de se realizar.

Enquanto realiza seu sonho de dançar com seu pai a valsa de quinze anos, a jovem Ester não para um segundo de chorar. Seu choro se mistura com sorriso. Ao final da valsa o pai abraça a filha com muito carinho, pois para ele também é um sonho que está se realizando: sonho que muitas vezes, enquanto dormia nas ruas, ele aguardava que esse momento chegasse. Então o homem pega uma joia no bolso do casaco:

— Filha, perdoe-me pela demora! Mas assim como você eu também sonhei com esse momento. Olha só! Essa joia é muito especial, pois pertenceu a sua mãe e eu a guardei especialmente para você.

— Obrigado, meu pai! Esse é o dia mais feliz de minha vida!

Depois de colocar a joia no pescoço de minha filha e receber abraços calorosos e também ser muito bem recebido por Sandra e seu marido Pedro, e outros familiares que ali estavam eu continuei, pois, as surpresas ainda não tinham acabado.

— Peço só mais um minutinho de sua atenção, por favor! Pois quero lhes apresentar alguém muito especial! Essa é Maria Rosa e esse menininho esperto é seu o irmãozinho Michael, ele tem três anos de idade. “Michael, vem cá filho! Essa é sua irmã Ester que papai falou”.

Depois que todas as apresentações finalmente acabaram, fomos aproveitar a festa de Ester. Afinal era sua festa de quinze anos. E isso era muito especial para nós todos! Minha filha estava encantadora. E nos recebeu com grande alegria, surpreendendo-nos a todos. Pois o regresso de um pai que esteve ausente por quinze anos pode ser no mínimo complicado!

Mas Ester estava lidando muito bem com tudo aquilo, pelo menos era a impressão que nos passava. Ester estava provando que não era uma jovem comum, mas muito especial e eu já esperava isso dela, afinal era a minha filha. Maria Rosa também foi muito bem recebida e alguns dos presentes na festa a reconheceram, da TV. E logo vieram conversar e tirar dúvidas de que era ela mesma. Michael então nem se fala: a irmã não o largou nem por um minuto sequer. Dava para ver que Ester estava feliz com a chegada do irmãozinho.

Mas nem tudo é festa! Nos dias que se seguiram foi necessário arranjarmos um lugar para morar, pois afinal tínhamos chegado para ficar! Pelo menos por enquanto. Mas como eu conhecia bem a cidade, não foi difícil e logo estávamos colocados. Maria Rosa trabalhando, pois já tinha vindo indicada para o canal local. Eu também não podia me queixar: estava trabalhando como fotógrafo e meus livros finalmente começaram a dar frutos. E a vida, aos poucos, foi se organizando. E finalmente, depois de muitos anos, estávamos felizes novamente.

Ester nunca me cobrou nada, apesar de aqueles quinze anos de ausência, mas eu passei a ser um pai muito presente em sua vida. Minha filha e eu passamos a viver tudo o que não tínhamos tido a oportunidade de viver antes. Ela tanto vivia na casa de Sandra, a tia que a criara como a uma filha, mas também vivia muito em nossa casa, com seu irmão e a Maria Rosa, que sempre a tratou muito bem.

Eu estava feliz com minha família e voltei a agradecer a Deus por tudo. Até mesmo por aquelas coisas que muitas vezes eu não podia entender, como a trágica morte de minha querida e inesquecível Elizabeth, a mãe de Ester, que nos deixou há mais de dezessete anos, mas que nunca será esquecida e vive até hoje em meu coração.

Quando finalmente eu fui reconhecido como escritor, passei a dar palestras em escolas e onde me chamassem. A vida passou a ser bastante corrida. Maria Rosa, minha esposa, sempre que podia me acompanhava nos lançamentos e eventos promovidos pela minha editora. Mas, apesar da correria do dia a dia, eu nunca deixei

de ser um pai muito presente na vida de Ester e também do pequeno Michael, pois a minha família sempre terá o primeiro lugar em minha vida.

Certo dia Ester nos surpreendeu quando veio perguntar se podia trazer um rapaz para nos apresentar e pedir permissão para namorar. Eu confesso que fiquei meio enciumado! Mas, depois de tudo esclarecido, recebemos o tal jovem em casa. Lá estávamos todos reunidos, com Sandra e Pedro, seu esposo, os tios que com muito carinho haviam criado éster quando estive ausente, Maria Rosa, minha esposa, e o pequeno Michael e eu. Estava tudo pronto esperávamos ansiosos pelos dois: Ester e o tal rapaz que pediria a mão de minha filha em namoro.

— Pai, tia Sandra e tio Pedro, Maria Rosa e Michael meu irmãozinho, este é Felipe, de quem eu falei! E Felipe, essa é a minha família.

O rapaz me pareceu boa gente, mas eu tinha que continuar firme na posição de um pai zeloso, mas já tinha percebido que podia confiar nele. Mas, de qualquer jeito, só o tempo iria mostrar se eu estava certo ou não. Recebemos bem o rapaz e ele passou a frequentar nossa casa e passou a ser como um da família, já que os dois demonstravam se amar de verdade. Ele era de boa família. Filho de um grande empresário do ramo de importação e exportação. Depois de um ano de namoro, os dois decidiram noivar e assim foi feito. Se Felipe frequentava bastante nossa casa, agora ele praticamente morava por lá. Era um rapaz que eu podia confiar. Ele era muito religioso e de família religiosa e não faria nada de errado. E minha linda filha Ester também era uma jovem que sabia o que queria e eu tinha plena confiança nos dois.

Certo dia eu ouvi os dois discutindo. Aquilo me preocupou, pois isso nunca tinha acontecido antes e, seja o que for que havia levado os dois a discutirem daquela forma, devia ser algo muito grave. Eu como pai fiquei muito preocupado, mas sabia que isso poderia acontecer entre dois jovens. Procurei ficar na minha. Pensei: se for algo realmente grave Ester há de vir conversar no tempo certo. Quando Sandra me procurou dizendo que aquilo já havia acontecido



em sua casa alguns dias antes, eu tive que procurar saber mais detalhes com Ester sobre o que estava acontecendo. Ao que ela me respondeu: Não é nada não pai! É loucura da cabeça de Felipe, coisas sem sentido! Não se preocupe, logo vai passar.

— Como assim filha? Que coisas sem sentidos são essas? Posso saber? ...

— Ah! Paizinho! Eu já lhe falei para não se preocupar! São besteiras da cabeça de Felipe! – Diz Estér, não querendo me envolver.

O que me deixou ainda mais preocupado. Eu precisava descobrir do que se tratava.

## Capítulo XVII.

### O Mistério do Medalhão.

— Mas amor! Eu já lhe falei que não sei de onde saiu esse medalhão! O que você quer que eu faça? O que sei é que foi meu pai que pediu para a minha tia Sandra me entregar e recomendou que eu o guardasse, e é só o que sei sobre essa medalha.

— Não Ester! Isso não pode ser assim! – Exclama o jovem muito nervoso. – Esse medalhão faz parte da minha história, foi um presente de minha mãe num momento muito difícil de minha vida. Ele não pode ter ido parar aí no meio de suas joias assim sem explicação! Agora você entende por que eu estou nervoso?

— Eu te entendo sim, Felipe! Mas o que eu não tenho é uma explicação para lhe dar! Como já lhe falei tantas vezes, eu não sei nada sobre a história desse medalhão! Sei que lhe pertencia, pois tem as suas iniciais gravadas nele e ainda toda a sua história, que é muito comovente. Mas o que você quer que eu faça?

Eu, que escutava a conversa dos dois, percebi que já estava na hora de interferir e tentar explicar toda a história do misterioso medalhão. É claro que eu já sabia desde que Ester levou esse jovem para apresentar a família que, cedo ou tarde, essa história teria que vir à tona. Mas, por se tratar de uma história bem complicada de se explicar, eu fui adiando o quanto pude, mas quando a felicidade de minha filha, e também do rapaz que ela ama está em jogo, é melhor me sacrificar se necessário for.

— Olá, como vai Felipe? ...

— Ah! Olá, senhor Airiel! Desculpe estávamos.... Bem, acho que já sabe... Que estamos com problemas!

— Sim, meu jovem, eu sei! E tenho que lhe dar algumas explicações sobre como o seu medalhão veio parar nos pertences de minha filha Ester. Mas antes eu preciso saber se você está

preparado para saber de tudo, pois acredito que é um assunto que pode ser bem delicado para todos.

— Como assim? Não vai me dizer que o senhor é ou, quer dizer, foi um...

— Um ladrão você ia dizer? Não! Isso não! Já vivi nas ruas como mendigo por dez anos de minha vida, mas não cheguei a roubar ninguém.

— Desculpe-me eu não quis...

— Não se preocupe rapaz! Está tudo bem! É o que qualquer um pensaria.

— Perdoe-me senhor! É que esse medalhão tem muito a ver com a minha vida! Pois, quando criança, depois de um grave acidente de carro, eu fiquei por dois longos anos em uma cadeira de rodas. Até que um milagre aconteceu. Eu sei que, para muitos, o que vou falar vai parecer no mínimo uma loucura, mas foi o que aconteceu. E depois disso a vida de toda a minha família mudou completamente. Principalmente para meu pai. Ele foi um homem ateu que só acreditava no seu dinheiro e nada mais. Depois do milagre que me fez andar novamente, tornou-se um novo homem. Hoje todos somos pessoas de fé e meu pai faz a obra de Deus. É um homem bom e caridoso e minha família passou a conhecer a verdadeira felicidade.

— Eu sei de tudo isso meu rapaz! – Respondi a ele, que me olhou desconfiado e com os olhos arregalados como já era de se esperar.

— C... Como assim? Sabe de tudo isso? Quem.... Quem é o senhor afinal?!

— Como assim quem sou eu? Eu sou Airiel; o pai da garota que você ama! E o único ser vivo nesta terra, capaz de lhe explicar, toda essa história do milagre que o fez andar novamente! Mas, está você preparado para saber toda a verdade?

— Agora, mais do que nunca, eu preciso saber toda a verdade, seja ela qual for! Por favor, senhor! ...

— Está muito bem! Eu também acho que está na hora de você saber de tudo! Mas vamos nos sentar e tomar um cafezinho antes, porque a história pode ser complicada, principalmente para você.

Depois de tomarmos aquele delicioso café bem doce, eu dei início a complicada explicação sobre o mistério do medalhão de Felipe:

— Tudo começou depois de ter perdido a minha querida esposa Elizabeth, a mãe de Ester, de forma trágica em um tiroteio entre bandidos e policiais. Até então também éramos pessoas de grande fé e muito religiosas. Mas tudo mudou quando pedi a Deus que não a deixasse morrer! Mas ele não atendeu às minhas súplicas. Então, desesperado e descontrolado de tanta dor, eu decidi brigar com Deus. Isso mesmo! Cortei todas as relações com o criador. Cheguei a pedir que me matasse também! Mas nem isso ele fez por mim. Então, sem fé, sem Deus e sem ninguém, abandonei tudo nessa vida depois de pedir que Sandra tomasse conta de Ester até que eu voltasse se é que isso viesse acontecer algum dia. Então fui viver nas ruas. E por uns dez anos eu vivi como mendigo.

Nas idas e vindas da minha vida de andarilho, certo dia eu estava me preparando para dormir em meus papelões e roupas velhas, quando se aproximaram quatro ou cinco adolescentes vindos de uma apresentação natalina, já que era a noite da véspera de natal. Eles tinham apresentado uma peça de teatro, mas antes de ir para suas casas, para a ceia de natal com seus familiares, eles estavam a fim de espancar algum pobre coitado que encontrassem pela rua. E, para variar, o escolhido da noite tinha sido eu. Mas quando já estavam bem próximos e um deles estava se preparando para me dar um banho de xixi, outro resolveu intervir. O jovem me salvou de algo muito desagradável e ainda por cima me vestiu a túnica que havia usado na apresentação, por perceber que eu tremia de frio naquela noite gelada.

Já estava amanhecendo e eu resolvi sair e ver se conseguia algo para comer. Foi quando percebi um portão semiaberto e, sem pensar duas vezes, entrei por ele. Mas dei de cara com um pequeno

menino de uns nove ou dez anos de idade. O menino cochilava sobre uma cadeira de rodas, mas antes que eu pudesse dar o fora dali ele acordou. E assim que pôs os olhos sobre mim começou a clamar. Eu percebi o que estava acontecendo, mas, diante de tanta fé, eu não tive coragem de desapontar aquela criança que me pedia que ordenasse que ele levantasse de sua cadeira de rodas e viesse até a mim para me abraçar. Ou seja, abraçar a Jesus com quem eu tinha sido confundido. Então não sei de onde me veio aquela vontade incontrolável de dizer: – Se você crer? Então levanta e anda! E, para meu espanto, o pequenino começou a se levantar de sua cadeira de rodas. Ele veio em minha direção e se lançou em meus braços, abraçando-me de forma que eu nunca tinha visto antes. Eu senti tanta fé, tanto amor e esperança naquele abraço que estremei diante de tanto poder que fluía daquele menino. E uma luz esverdeada tomou conta do lugar onde estávamos e nós dois chorávamos muito. Não era um choro de tristeza, mas algo maior, a alegria havia tomado conta dos dois. Então tentei sair dali correndo antes que aparecesse alguém! Mas o menino me segurou pela mão e me chamou de volta, pois queria me dar algo. Então me abraçou novamente e só percebi que estava com o medalhão no pescoço quando já estava longe dali. Eu não conseguia parar de chorar, pois um grande milagre havia acontecido diante dos meus olhos. Eu, que já não acreditava mais em Deus! Eu, que havia negado sua existência. Eu, que não queria entender seus meios e seus caminhos. Sim, eu, um pobre mendigo havia sido usado para que ele, Jesus Cristo, o salvador, operasse um grande milagre na vida daquela criança. Aliás, um não, foram dois milagres ou mais, já que naquele momento eu me arrependi e fiz um novo concerto, uma nova aliança com o criador e ele comigo. E partir daquele momento começou a mudança em minha vida, com certeza na vida daquele menino, e de sua família. Pois, quando Deus opera, grandes coisas acontecem.

— O que estás a me dizer? Eu não acredito! Quer dizer que não foi Jesus que veio me trazer o presente de natal que eu tanto acreditei? Mas o maior acontecimento de minha vida não passou de

um milagre de um mendigo? É isso que está me dizendo senhor Airiel? Isso foi demais para mim! Dá licença! Eu.... Eu preciso sair.

Felipe sai correndo sem conseguir raciocinar direito! Eu lhe falei que não seria fácil descobrir toda a verdade. É uma história bastante complicada, até mesmo para mim, pois também demorei a entendê-la. Ester queria ir atrás do jovem, mas recomendei que o deixasse em paz. Ele precisava de um tempo para refletir e pensar nas coisas. E ela também, pois estava muito emocionada com a história e chorava sem parar.

## Capítulo XVIII.

### Segredos de outro mundo?

Depois de sair sem rumo por não entender os meios que Deus usa quando quer realizar a sua obra na vida dos homens, Felipe caminha lentamente pela cidade. O rapaz procura raciocinar e entender os mistérios da fé, pois o jovem está decepcionado com a sua crença! Não exatamente com a crença, ou com a fé, mas com os meios usados por Deus para realizá-los. Pois ele sempre acreditou que o milagre que aconteceu em sua vida, foi realizado pelo próprio Jesus que veio ao seu encontro e o fez andar novamente. Só que, oito anos mais tarde, o jovem descobre que, o Jesus que o fizera andar não passava de um pobre mendigo.

Depois de muito refletir, o jovem se pergunta? Mas isso importa Felipe? Importa se foi o próprio Jesus Cristo que operou o milagre ou se foi àquele pobre mendigo que o senhor usou?

O que importa realmente é que você voltou a andar! Isso sim é importante, é importante que o senhor Jesus se revelou a ti através daquele pobre homem, para provar que ele é soberano sobre todas as coisas e usa quem ele quer, e quando quer! Depois de chegar a essa conclusão, o rapaz volta a encontrar sua noiva, a Ester. Ela é uma jovem muito bela, de altura mediana, cabelo cacheado na altura dos ombros, tem lindos olhos verdes. É uma pessoa tranquila e meiga, os dois namoram há três anos e formam um belo casal. Mas será que depois desse segredo do pai de Ester tudo voltará ao normal? Isso só o tempo poderá dizer.

Mas quando Felipe, o filho único de um rico empresário da cidade retorna a casa de sua noiva, Airieli, o pai dela, ainda está lhe aguardando.

— Ah! Então você está de volta hem? Eu sabia que logo entenderia que os pensamentos de Deus não são os pensamentos dos homens! Por isso muitas vezes demoramos a entender seus planos e projetos para nossas vidas.

— É verdade, senhor Airiel! Eu peço que desculpe a minha reação! Depois de refletir muito e cheguei a conclusão de que Deus é bom demais, e seu amor é infinito.

— Mas, enfim, que bom que você está de volta! Ester já estava até pensando em arranjar outro namorado.

— Ah! Pai! Para com isso! Eu sabia que Felipe não consegue ficar muito tempo longe de mim! – Diz a jovem com aquele belo sorriso.

Ao que o rapaz responde: — É verdade, minha princesa! Tão verdade que resolvi não perder mais tempo e lhe pedir em casamento! – O rapaz a toma pela mão, curva-se diante da bela Estér:

— Você quer se casar comigo? — É claro que sim, eu já estava pensando que nunca ia pedir! – Diz a jovem sorrindo, e os dois se beijam.

— Hei, vocês dois! Do pedido de casamento eu até que gostei, mas vão parando com esse chamego aí na minha frente – brinco com eles, enquanto abraço os dois.

Então entra Maria Rosa, a mulher pela qual tenho muito carinho e admiração, pois foi ela quem me ajudou a reencontrar meu caminho quando eu me encontrava perdido e confuso nesse mundo. Ela acaba de chegar do trabalho, e, vendo a cena, trata logo de se incluir naquele abraço coletivo, assim como o pequeno Michael nosso filho, e ficamos assim por alguns instantes. Eu estava me sentindo feliz, pois aquela era a minha família, a família que Deus havia me restituído. Nada pagaria a ausência de Elizabeth! Não, isso nunca! Mas Deus, apesar da minha rebeldia, uma rebeldia ocasionada pela perda e pela dor. O Criador é assim: Ele nos entende, ele nos compreende e ele faz, faz o que tem que ser feito. Mas nunca deixa de cuidar de nós sem pedir nada em troca.

O tempo passa muito rápido. Uma linda festa de casamento de minha estrelinha com o jovem Felipe, o mesmo garotinho da cadeira de rodas que, naquele inesquecível dia de Natal Deus fez andar diante dos meus olhos desconfiados e incrédulos,



O que Deus fez mudou a vida de muitas pessoas. Os pais de Felipe tiveram a sua vida impactada com aquele acontecimento, e não só os pais mudaram a forma de viver. Mas seus familiares e amigos que ali se encontravam e tantos outros que ouviram falar do que aconteceu naquela abençoada manhã de Natal. Mas nenhum de nós poderia imaginar o que o criador havia preparado e que hoje, dez anos mais tarde, aquele mesmo menino que agora se tornara um belo rapaz, estaria se casando com a minha Ester, trazendo-nos tanta felicidade. Deus sempre tem seus meios de nos surpreender. Ele é mesmo maravilhoso! E minha querida e amada Elizabeth se pode nos ver lá do paraíso onde agora se encontra, deve estar muito feliz.

Sandra, minha amada cunhada que também foi abençoada quando tomou conta da pequena Ester e a criou como sua filha, já que era estéril e nunca poderia ter um filho de seu ventre. Agora que Ester casou-se, ela ficaria só! Eu disse ficaria? Sim, pois após uma longa e paciente espera alcançou a graça de Deus. Sim, ela será mãe! Mãe de um filho de seu ventre. Esse Deus sempre encontra uma forma de abençoar e surpreender as pessoas que fazem o bem nesta vida. Por isso, não se canse de fazer o bem e nunca cobre nada por isso! Pois a maior recompensa vem do alto.

E quanto a mim? Ah! Eu concluo que o homem não é apenas um “Boneco de Barro”, como já afirmei. Pois quando o criador formou aquele boneco de barro, Ele usou suas próprias mãos, pois aquela obra seria especial e também lhe soprou o fôlego de vida, e o homem passou a ser alma vivente. Parte de Deus está no homem através daquele sopro. Por isso todo o homem é mais, muito mais que um Boneco de Barro. Pois além de criatura ele também foi chamado para ser filho de Deus. E o senhor o ama.

Pois é, meus amigos! Eu também fui ricamente abençoado ao viver como um autêntico ser humano. Pude experimentar suas emoções, alegrias e tristezas, dores e realizações, suas decepções. Mas também seus prazeres. Eu vivi seus sentimentos! Também suas perdas e suas conquistas. Suas crenças e sua fé, como um verdadeiro ser humano. Fiz uma ótima aprendizagem com tudo isso.

Pois essa era a minha missão aqui na terra. Mas agora chegou a minha hora! Hora de partir! Sim, a minha pátria não é aqui! Minha pátria está ali, além das nuvens e das estrelas. E minha carruagem de fogo (Nave Espacial) já se aproxima.

Despedi-me discretamente, mas carinhosamente de Maria Rosa que já sabia que um dia daqueles eu teria que partir para sempre. Despedi-me de toda a família que aqui na terra me foi confiada, pessoas que eu aprendi amar (a bela Maria Rosa, que me fez reencontrar a felicidade. Pois vivemos nosso amor todos os dias com muita intensidade e prazer. Também minha querida e doce Ester, que apesar de crescer longe de mim, sempre me amou e me respeitou como um verdadeiro pai. Adeus estrelinha da minha vida! Saibas que, lá de cima, eu a verei brilhar aqui na terra. E, o meu pequeno príncipe Michael. Meu herdeiro e minha herança neste mundo).

Sou muito grato também à mulher que me criou e cuidou de mim aqui na terra, pela qual tenho muito carinho! A minha querida mãe Maria.

Depois disso eu segui para um lugar previamente combinado com o meu líder. Lugar alto e aberto, onde a nave pudesse pousar sem despertar muita a atenção das pessoas. O lugar escolhido foi o aeroporto da cidade.

Mas, antes de partir, quero dizer a vocês que foi muito bom viver entre vós! E que não sou o único: há milhares de anos que muitos dos meus vivem entre vocês! Quem vocês acham que compartilhou os conhecimentos das ciências, astronomia e etc. também a engenharia nas construções das pirâmides no Egito e outra tantas espalhadas pelo seu mundo? Além dos grandes avanços tecnológicos. Meu povo há muito tenta viver e instruir os terráqueos como viver mais e melhor. Deixamos claros sinais da nossa existência e da nossa presença em seu planeta. Mas, até hoje, seus governos gastam bilhões de dólares enviando mensagens ao espaço e tentando descobrir se há vida fora da terra. E nem sequer conseguiram decifrar o nosso – Olá! Estamos aqui ó!

Não posso dizer que será bom para a humanidade, descobriremos habitantes em outros mundos. As surpresas podem ser devastadoras para os terráqueos. Pois podem acabar descobrindo que nem todos são pacíficos. Pois há alguns extraterrestres que são hostis. E adoram sangue do tipo: humano.

Hoje estou partindo de volta para o meu planeta natal, onde a sobrevivência média é de 400, a 500 anos de vida. Mas aqui na terra não tenho condições de continuar vivendo mais do que os quarenta anos terrestres que já vivi. Pois estou muito doente: fui contagiado por micro-organismos nocivos à minha espécie. Agentes esses existentes no seu ar, na sua água e alimentos. Mas os nossos híbridos que já vivem aqui, eles têm mais resistência do que nós os puros. E com certeza viverão muito mais. E poderão ajudar os humanos no dia em que acontecer um ataque dos extraterrestres hostis dos quais falei. Pois cedo ou tarde vocês irão descobrir e lhes abrir a porta de entrada para o seu mundo dando início a grande e temida invasão e a guerra interplanetária, a guerra espacial.

É por isso que estamos entre vós! Para ajudá-los quando chegar a hora. Então estejam certos de que, quando você sair pelas ruas de suas cidades, vão encontrar muitos de nós entre a multidão olhando para você, conversando, e até partilhando, ideias, opiniões e relações. Por que nós, os extraterrestres, há muito tempo estamos entre vocês! Principalmente os híbridos.

Eu fiz a minha parte, cumpri minha missão vivendo como um de vocês por quarenta anos. Mas as pesquisas continuam, pois precisamos nos adaptar completamente ao seu planeta. Só então poderemos ajudá-los. Sei que vocês estão intrigados que, no final dessa incrível história, eu, Aíriel, venho revelar que não sou um humano como vocês. Mas que vivi como um de vocês em todos os aspectos, sem nunca despertar suspeita de quem eu realmente era. Pois é para que vejam que a cada dia estamos nos aperfeiçoando ainda mais a viver como terráqueos. Embora isso tenha custado muito caro para a minha raça, pois para chegar e esse aperfeiçoamento muitas vidas foram perdidas, muitos dos meus se sacrificaram.

E quanto a minha fé e crença as quais eu pratiquei enquanto vivia na terra, quero dizer que o mesmo Deus que a grande maioria dos humanos acredita ter criado seu mundo e sua gente, pode ser o mesmo que criou o meu mundo e a minha espécie, o meu povo. Afinal, ele é conhecido como: “Grande Deus do Universo?”

E essa história do Big-Bang, conceito religioso, filosófico e científico que, os estudiosos de seu mundo acreditam ter acontecido entre 10 e 20 bilhões de anos, pode ter sido simplesmente quando o grande criador bateu as palmas de suas mãos causando a grande explosão cósmica.

Essa explosão refere-se a grande liberação de energia, criando o espaço-tempo que resultou na formação dos mundos, e todo o Universo. Ou não! Pode ser que ele, o Criador tenha simplesmente dito: haja! E houve. Cada ser inteligente é livre para acreditar ou não no que quiser. E que continue sendo assim; isso é ter livre-arbítrio.

Mas agora já posso ver a armada de meu planeta que acompanha a minha nave! A nave que me levará de volta ao meu mundo. Após quarenta anos de missão na terra, eu vou reencontrar os meus que lá deixei. A minha missão foi perfeita. Sei o que é ser um verdadeiro ser humano. Tanto é verdade que deixarei amores, recordações e saudades que também me acompanharão por todos os meus dias.

A nave se aproxima e sobrevoa o lugar onde Airiel se encontra e então um feixe de luz, desce sobre o homem ou, alienígena chamado Airiel, e o recolhe. Depois disso super. Propulsores são acionados deixando apenas uma breve lista de luz colorida no espaço e Airiel após quarenta anos vivendo como autêntico humano, parte em direção ao seu Planeta Natal...

**(FIM)**





[Catálogo do Projeto Passo Fundo  
www.projetopassofundo.com.br](http://www.projetopassofundo.com.br)



João Antonio Leiria nasceu em 1965, é escritor e poeta, escreve vários gêneros: como romances, histórias infantis e juvenis. É natural de Ronda Alta, RS. Radicado em Passo Fundo desde os sete anos de idade. João Leiria ensinou teatro por muitos anos, trabalhou com crianças e adolescentes de nossa cidade. Sempre esteve envolvido com a arte, uma das coisas que mais gosta é de escrever, de criar. Escreveu e dirigiu várias peças de teatro apresentadas em escolas, empresas e praças de Passo fundo e região. Sempre prendendo a atenção de muito público. Atualmente é empresário no ramo de fotografias e eventos. Continua com seu grupo de teatro e escrevendo muito. Escreveu seu primeiro romance "Vendi minha alma E agora?" em 2013. Em 2014 um livro de poesias "O menino e o trem" . Um livro infanto-juvenil, em 2015, "Adeus ovos de Páscoa! O coelho sumiu!" e uma segunda edição, revisada e aumentada do romance "Vendi minha alma E agora?". Agora seu último romance "Ariel e o Boneco de Barro".

## Airiel e o Boneco de Barro.

Quem é Airiel? Seria ele apenas um escritor alucinado? Alguém Viajando em suas próprias fantasias? Estaria ele apenas em busca de uma historia extraordinária para relatar a seus leitores? O certo é que ninguém sabe sua origem e procedência, já que fora deixado quando bebê a porta de uma bondosa senhora que o acolhe e o cria como filho. Mas que depois da morte de sua "mãe" ele teve que tomar conta de sua própria vida; até conhecer a bela jovem Elizabeth. Airiel Chegou até pensar que poderia ser feliz. Quando um golpe do destino ameaça seus planos, seus sonhos e seus projetos de vida. Ele até acreditou que um milagre salvaria a vida de sua amada Elizabeth. Decepcionado com sua fé ele abandona seu Deus e suas crenças. Mergulhando na dor mais profunda que um ser humano passa suportar. Depois de tornar-se um andarilho e viver nas ruas como mendigo, finalmente caindo em si, se dá conta de que a sua missão na terra, deve ser mais importante do que a sua dor. Pois breve, ele também terá que partir.